

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

ESTRUTURA PSICOLÓGICA EM MULHERES SEXUALMENTE AGRESSIVAS

Bruna Daniela Fernandes Pereira

junho 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Joana Patrícia Pereira de Carvalho**, professora auxiliar da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, investigadora do Centro de Psicologia da Universidade do Porto (ULHT; CPUP-Universidade do Porto).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Este trabalho, à sua maneira, reflete o culminar de 5 anos de trabalho árduo, investimento e de muitas alegrias. Não teria chegado a este ponto se não fosse pelo apoio constante de algumas pessoas, pelo que não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a elaboração desta dissertação.

Quero agradecer à Doutora Joana Carvalho, pela orientação, disponibilidade, apoio, transmissão de sabedoria e autonomia que me foi proporcionada. Por ser a melhor escolha que eu fiz.

À equipa do SexLab, por me integrarem com carinho nesta equipa fantástica, por se mostrarem sempre disponíveis, por terem auxiliado na fase de preparação e divulgação deste estudo.

Aos meus colegas de mestrado no SexLab, com especial agradecimento à Inês Tavares, que se foi tornado, progressivamente, numa verdadeira amiga.

À minha família. Aos meus pais por acreditarem em mim, sempre me apoiarem e, claro, por me financiarem esta “viagem”. Aos meus irmãos, por, por mais chatinhos que consigam ser, sempre me amarem e fazerem rir.

Ao Diogo, por toda a ajuda na elaboração deste trabalho. Pelas conversas, gargalhadas, paciência e carinho. Mas, acima de tudo, por sempre acreditar em mim e por me ensinar o verdadeiro significado da palavra amor.

À Sara, Suzi, Marta e Adriana, as melhores de sempre e para sempre. Obrigada por estarem sempre lá para o bem e para o mal. Vocês mostraram-me o sentimento de amizade verdadeira.

À Borbolesma, por seres das melhores coisas que a faculdade me deu; mais do que uma amiga, serás sempre minha irmã. À Spineli, pela disponibilidade, pelo humor negro e por seres, simplesmente, espetacular! À Cuco, por me aturares e teres sido um grande apoio ao longo destes anos. À Pombinha, por te teres tornado numa amiga incrível e por teres, nos momentos finais, sido um grande apoio e partilhado comigo todo o stresse. À Leonor, madrinha, por fazeres parte da minha vida.

A todas as mulheres que, voluntariamente, participaram neste estudo. Sem vocês não teria sido possível.

A todos os que iniciam a leitura desta dissertação, pelo interesse que demonstram por esta temática.

Resumo

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012), a violência sexual diz respeito a qualquer ato sexual, ou tentativa, que envolva coação, direcionada a uma pessoa relutante, por parte de qualquer pessoa em qualquer contexto. Apesar de a agressão sexual ser cada vez mais considerada contra pessoas, ao invés de somente contra mulheres, a ideia de que também os homens podem ser recetores de atividade sexual indesejada por parte de mulheres e a documentação referente a mulheres agressoras ainda é limitada. A literatura disponível mostra ampla variedade em termos da prevalência de mulheres sexualmente agressivas e refere-se à adoção de variadas estratégias agressivas para obter contacto sexual com um homem contra a sua vontade. Ainda assim, apesar da escassa evidência sobre os preditores da agressão sexual feminina, a investigação conseguiu reunir um conjunto de fatores que se mostraram relacionados com este fenómeno. Contudo, nenhum estudo, até à data, se debruçou sobre as características psicológicas e de personalidade associadas a estas mulheres, havendo uma falta de modelos concetuais sobre estas formas de interação sexualmente agressivas.

Desta forma, o presente estudo teve como objetivo aprofundar esta linha de investigação e ser um estudo exploratório destas mesmas características, considerando, para tal, os seguintes fatores: caracterização das estratégias sexualmente agressivas para interação sexual com o sexo oposto, personalidade, afeto, sintomatologia psicológica, impulsividade e alexitimia. Para isto, procedeu-se à realização de um questionário *online* composto por várias escalas que pretendiam avaliar as dimensões supramencionadas. A amostra deste estudo é constituída por 796 estudantes universitárias do Ensino Superior português, público e privado, de todos os ciclos de estudos, do sexo feminino, com idade mínima de 18 anos e orientação sexual heterossexual.

Os resultados revelaram que associadas às mulheres consideradas sexualmente agressivas se encontraram características psicopatológicas de somatização, obsessões e compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, sintomas paranóides e psicoticismo; uma personalidade pautada por maiores níveis de neuroticismo e menores de amabilidade e conscienciosidade; maiores níveis de impulsividade motora/planeamento e impulsividade cognitiva; mais afeto negativo; e, por fim, maiores dificuldades na identificação de sentimentos.

Palavras-Chave: Agressão sexual, mulheres, estudantes universitárias, personalidade, sintomatologia psicopatológicos, alexitimia, afeto, impulsividade.

Abstract

According to the World Health Organization (OMS, 2012), sexual violence can be referred to as any sexual act, or attempt, that involves coercion, directed at a reluctant person, by anyone in any context. Although sexual aggression is increasingly being considered against people, instead of only against women, the idea that men can also be recipients of unwanted sexual activity is still limited. The available literature shows a wide variety of prevalence rates of sexually aggressive women and refers to the adoption of diverse aggressive strategies to obtain sexual contact with a man against his will. Still, despite the scarce evidence regarding the predictors of female sexual aggression, the research brought together a group of factors that related to this phenomenon. However, no research study, to date, addressed the psychological and personality characteristics associated with these women, which translates in a lack of conceptual models about these forms of sexually aggressive interaction.

Thus, the present study aimed to deepen this line of research and be an exploratory study of the mentioned characteristics, considering for this the following factors: characterization of the sexually aggressive strategies for sexual interaction with the opposite sex, personality, affect, psychopathology, impulsivity and alexithymia. With this in mind, an online questionnaire was composed, which consisted of several measures that aimed to evaluate the above-mentioned dimensions. This study's sample consists of 796 female university students from the public and private Portuguese higher education, from all study cycles, with a minimum age of 18 and heterosexual sexual orientation.

The results showed that associated with women considered to be sexually aggressive were psychopathological features of somatization, obsession and compulsion, interpersonal sensitivity, depression, anxiety, hostility, phobic anxiety, paranoid ideation and psychoticism; a personality marked by higher levels of neuroticism and lower agreeableness and conscientiousness; higher levels of motor/planning impulsivity and cognitive impulsivity; more negative affect; and, finally, more difficulty identifying feelings.

Key-words: Sexual aggression, women, university students, personality, psychopathology, alexithymia, affect, impulsivity.

Résumé

Selon l'Organisation Mondiale de la Santé (OMS, 2012), la violence sexuelle concerne tout acte sexuel ou tentative impliquant la coercition, dirigée à une personne non consentante par tout individu et dans tout contexte. Bien que l'agression sexuelle soit de plus en plus vue contre les personnes et non plus seulement contre les femmes, l'idée que les hommes peuvent aussi être victime de l'activité sexuelle non désirée de la part des femmes et la documentation qui concerne les femmes agresseur est encore limitée. La littérature disponible montre une grande variété de femmes sexuellement agressives et se réfère à l'adoption de diverses stratégies agressives dans le but d'obtenir le contact sexuel avec un homme contre sa volonté. Cependant, malgré le peu de preuves sur les prédicteurs d'agression sexuelle féminine, l'enquête a pu recueillir un ensemble de facteurs significatifs liés à ce phénomène.

Cependant, aucune étude à ce jour s'est penché sur les caractéristiques psychologiques et de personnalité associées à ces femmes, il y a un manque de modèles conceptuels sur ces formes d'interaction sexuellement agressives.

C'est pourquoi cette étude a comme objectif d'approfondir cette ligne de recherche et d'explorer ces mêmes caractéristiques, tenant compte pour cela des facteurs suivants : caractérisation des stratégies sexuellement agressives pour l'interaction sexuelle avec le sexe opposé, la personnalité, l'affection, la symptomatologie psychologique, l'impulsivité et l'alexithymie. Pour cela, il y a eu recours à un questionnaire *online* composé de plusieurs échelles destinées à évaluer les dimensions citées ci-dessus. L'échantillon de cette étude est composé de 796 étudiants universitaires de l'Enseignement Supérieur Portugais de tous les cycles, publique et privé, du sexe féminin, âgés de 18 ans minimum et hétérosexuel.

Les résultats ont révélés que, associé aux femmes sexuellement agressives, nous rencontrons des caractéristiques psychopathologiques de somatisation, d'obsession et compulsions, de sensibilité interpersonnelle, de dépression, d'anxiété, d'hostilité, d'anxiété phobique, de symptômes paranoïdes et psychotiques ; une personnalité marquée par des niveaux plus élevés de névrose, de plus faible amabilité et de conscience ; des niveaux plus élevés d'impulsivité motrice/planification et impulsivité cognitive ; de plus d'affectif négatif ; et enfin, une plus grande difficulté à identifier les sentiments.

Mots-clés: Agression sexuelle, femmes, étudiants universitaires personnalité, symptômes psychopathologiques, alexithymie, affectif, impulsivité.

Índice Geral

Introdução	1
1. Agressão.....	1
2. Agressão Sexual.....	1
3. Homens Como Vítimas de Agressão Sexual: Investigação Crescente	2
4. Prevalência e Incidência da Agressão Sexual.....	4
4.1. O problema da reportação enviesada das taxas de agressão sexual feminina.....	6
4.2. O problema das discrepâncias entre os relatos masculinos e femininos.	7
5. Estratégias de Interação Agressiva com o Sexo Oposto.....	9
6. Variáveis Contextuais de Agressão Sexual	10
7. Razões para a Iniciação de Contacto Sexual por Parte das Mulheres	11
8. Estratégias de Resistência dos Homens	12
9. Reações, Impacto Emocional e Consequências da Agressão Sexual Feminina	13
9.1. Percepções dos estudantes universitários acerca da agressão sexual.....	14
10. Preditores da Agressão Sexual Feminina - Variáveis e Fatores Relacionais.....	15
11. Objetivos do Estudo.....	17
Método	18
1. Participantes.....	18
2. Procedimento	18
2.1. Procedimento de recolha de dados.	18

2.2. Procedimento de análise de dados.....	20
3. Medidas.....	21
3.1. Escala de Alexitimia de Toronto (TAS-20).	21
3.2. Breve Inventário de Sintomas – Versão Traço (BSI).....	22
3.3 Escala de Impulsividade de Barratt (BIS-11).....	22
3.4. Escala de Afeto Positivo / Afeto Negativo (PANAS) – Versão Traço.	22
3.5. Escala de Comportamento Sexualmente Agressivo (SABS).	23
3.6. Inventário dos Cinco Fatores NEO (NEO-FFI).	23
3.7. Conjunto de Respostas Socialmente Desejáveis (SDRS-5).	24
Resultados	25
1. Dados Descritivos	25
2. Diferenças entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não sexualmente agressivas	25
Discussão	29
1. Discussão dos Resultados	29
2. Limitações do Estudo e Sugestões de Futura Investigação	36
Conclusão	40
Referências Bibliográficas	42
Anexos	51

Índice de Anexos

Anexo A. Página de Apresentação do Estudo	52
Anexo B. Consentimento Informado	53

Índice de Quadros

Quadro 1. Tabela sociodemográfica	19
Quadro 2. Descrição dos itens da SABS (de acordo com Anderson, 1996) e percentagem de mulheres (sexualmente agressivas) por item	26
Quadro 3. Diferenças entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não agressivas (alexitimia, afeto positivo/afeto negativo, personalidade, impulsividade e sintomas psicopatológicos)	28

Introdução

1. Agressão

A agressão pode ser definida como: “(1) Um procedimento ou ação forçosa, não provocado; (2) a prática de fazer ataques ou invasões, tal como a violação não provocada por um país da integridade territorial de outro; (3) perspectivas ou comportamentos hostis, injuriosos, ou destrutivos, especialmente quando causados por frustração” (Narveson, 2014). Desta forma, segundo Narveson (2014), as duas características fundamentais da agressão são a inflição, ou tendência de infligir, prejuízo ou perda, e esta inflição ser contra “vítimas inocentes”, ou seja, contra alguém que não tenha, de alguma forma, provocado e/ou merecido a inflição. Este autor propõe ainda duas possíveis razões para as quais as pessoas agredem, nomeadamente, como um meio para um fim desejado, ou como um instinto agressivo.

2. Agressão Sexual

Quanto à agressão sexual, esta pode assumir diversas definições. Inicialmente, Muehlenhard e Cook, em 1988, definem *atividade sexual indesejada* como incluindo beijos indesejados, carícias ou relações sexuais, sendo tipicamente assumido o envolvimento de um instigador masculino e um recetor feminino. De facto, até 1992, o FBI definia *violação* como “conhecimento carnal de uma mulher forçosamente e sem o seu consentimento” (FBI, 1996, citado em Larimer, Lydum, Anderson, & Turner, 1999).

Mais de uma década após a definição de Muehlenhard e Cook (1988), Krahé, Waizenhofer e Moller (2003) definiram *agressão sexual* como “qualquer forma de comportamento dirigido para o objetivo de fazer com que outra pessoa se envolva em contacto sexual com o ator contra a vontade da pessoa-alvo”. Esta definição acomoda diferentes estratégias agressivas, indo ao encontro da concetualização de Oswald e Russell (2006) em que a *coaçoão sexual* inclui a obtenção de atos sexuais (beijar, toque sexual, sexo oral) ou relações sexuais através de uma variedade de estratégias e comportamentos que

variam numa escala que abrange desde pressão verbal, ameaças e exploração da inabilidade da vítima em resistir, a utilização de força física.

Mais recentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012) definiu *violência sexual* como:

Qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários sexuais indesejados ou avanços, ou atos no sentido de traficar, ou de outra forma direcionados contra a sexualidade de uma pessoa utilizando coação, por parte de qualquer pessoa independentemente da sua relação com a vítima, em qualquer contexto.

3. Homens Como Vítimas de Agressão Sexual: Investigação Crescente

Ainda que a agressão sexual seja cada vez mais considerada contra pessoas, ao invés de somente contra mulheres, as vítimas são, por definição, relativamente impotentes, levando à redução de adultos masculinos como vítimas sexuais apenas em relação a outros homens mais poderosos (Busby & Compton, 1997). Contudo, é necessária uma ponderação séria do possível apuramento de vítimas masculinas adultas em instâncias de sexo coercivo perpetrado por mulheres, uma vez que, por mais ou menos impotente que seja considerada uma vítima, qualquer vitimização merece consideração.

É evidente que a vitimização das mulheres poderá ter consequências mais severas que, muitas vezes, não afetarão, precisamente da mesma maneira, as vítimas de pressão masculina, devido às diferenças existentes entre homens e mulheres em termos de tamanho físico e poder social (Clements-Schreiber, Rempel, & Desmarais, 1998). Todavia, banalizar as experiências vivenciadas pelos homens pode levar a que estes façam o mesmo perante as experiências coercivas não-violentas das mulheres (Clements-Schreiber et al., 1998).

Nesta linha de pensamento, apesar de ser cada vez mais assumido que também os homens podem ser recetores de atividade sexual indesejada por parte de mulheres, a literatura referente a mulheres agressoras ainda é limitada. Até aos anos 80, não foi dada muita atenção ao potencial das mulheres para a iniciação heterossexual, especialmente iniciação, potencialmente, coerciva ou agressiva (Anderson, 1998a). Sarrel e Masters (1982) notaram, inclusivamente, que os investigadores no programa de investigação de Kinsey (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 1948) nunca perguntaram a homens se alguma vez haviam sido agredidos sexualmente por mulheres. De facto, alguns dos primeiros *insights* sobre este fenómeno surgiram, precisamente, com o estudo pioneiro de Sarrel e Masters

(1982) sobre homens que haviam sido objeto de agressão sexual por parte de mulheres. Estes autores documentaram que homens podem ser coagidos a demonstrar respostas sexuais (i.e., ereções, ejaculação) contra a sua vontade, despoletadas não só por estimulação sexual, mas também por sensações intensas de medo ou raiva.

Posteriormente, alguns relatos dos anos 80 e 90 baseados, predominantemente, em amostras de estudantes universitários, já documentam a iniciação, coação, abuso e força sexual de estudantes do sexo feminino dirigido a estudantes do sexo masculino (Anderson, 1998a). Contudo, a maioria dos estudos realizados nesta altura ou excluem os homens por inteiro, ou incluem-nos apenas como perpetradores (Porter & Critelli, 1992), sendo a maioria dos questionários, que avaliam a prevalência de contacto sexual indesejado, tendenciosos de género nas medidas utilizadas, no sentido em que as mulheres são interrogadas sobre vitimização e os homens sobre perpetração (Larimer et al., 1999).

Um exemplo de uma medida tendenciosa de género é o *Questionário de Experiências Sexuais* (SES, Koss & Oros, 1982), sendo este o instrumento mais amplamente utilizado na avaliação da agressão e vitimização sexual. Porém, tal como se têm adaptado as leis quanto à violação, também os investigadores têm expandido a sua avaliação da agressão sexual para abranger homens como possíveis vítimas (Hannon, Kuntz, Van Laar, Williams, & Hall, 1996; Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994a), tendo sido criada, inclusive, uma versão do SES com o género neutralizado (Larimer et al., 1999). Estudos utilizando esta versão do SES concluíram que quando se neutraliza o género de uma medida de contacto sexual indesejado, comumente utilizada, é igualmente provável que tanto os homens, quanto as mulheres, reportem a receção de vários tipos de coação sexual – no estudo de Larimer e colaboradores (1999), utilizando o SES adaptado, 21% de homens e 28% de mulheres reportaram receber coação sexual; o mesmo se observou no estudo de Hannon e colaboradores (1996), em que 38.5% dos homens reportaram algum grau de agressão sexual indesejada. Contudo, estes estudos não especificam o género do perpetrador, pelo que não se sabe se foi um homem ou uma mulher a coagir.

Por fim, ainda com o aumento dos estudos sobre homens como vítimas de contacto sexual indesejado por mulheres, permanecem discrepâncias em evidência acumulada, baseadas no género. Esta discrepância pode ser explicada, até certo grau, através da adoção pela sociedade de estereótipos de papéis de género, que retratam os homens como sendo iniciadores agressivos de atividade sexual e as mulheres como recetoras passivas (Malamuth, 1981). Alguns estudos apontam para alterações dentro destes papéis de género prescritos (Byers, 1996). Nomeadamente, em sociedades onde as mulheres estão a ganhar um poder

crescente nos papéis sociais, políticos e económicos, que estavam, tradicionalmente, reservados para os homens, é possível que, noutras áreas (i.e., relações românticas), os papéis de género estejam também a mudar para as mulheres (Anderson & Aymami, 1993). Assim, é mais provável que o sexo forçado contra um parceiro romântico masculino seja perpetrado por mulheres que assumem papéis sociais menos tradicionais (Anderson, 1998a). Esta informação parece ter sido corroborada no estudo de Hines (2007) que mostrou que à medida que aumentava o estatuto das mulheres na sociedade, aumentava também o nível de sexo forçado contra homens. Assim, como forma de afirmar a sua sexualidade, as mulheres podem estar a romper com os seus papéis de género, tanto na vida pública como privada, forçando sexo dentro das suas relações amorosas (Hines, 2007).

4. Prevalência e Incidência da Agressão Sexual

É complicado determinar a prevalência exata de coação sexual de homens. De acordo com as Estatísticas do Departamento da Justiça dos Estados Unidos (1990, citado em Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994a), mais de 9000 homens são vítimas de violação ou tentativa de violação em cada ano. Contudo, é assumido pelos peritos que a maioria dos casos de agressão masculina não são reportados às autoridades, pelo que as estimativas podem estar consideravelmente abaixo do número real (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994a).

Nos estudos de prevalência, os investigadores questionam as mulheres sobre alguma vez terem mostrado (uma forma particular de) agressão sexual para com um homem (Krahé et al., 2003) e/ou questionam os homens sobre alguma vez terem recebido (uma forma particular de) agressão sexual por parte de uma mulher. Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (1994a) afirmam que uma das melhores estimativas da prevalência de coação sexual de homens, em 1994, vinha de uma “pesquisa domiciliar”, representativa dos cidadãos de Los Angeles, realizada por Sorenson, Stein, Siegel, Golding e Burnam (1987), em que 7.2%, de 1480 homens entrevistados, reportaram que, como adultos, haviam sido pressionados ou forçados a terem contacto sexual. Dois outros estudos, contemporâneos ao de Sorenson e colaboradores (1987), apresentam percentagens de prevalência muito díspares entre si – o estudo de Struckman-Johnson (1988), em que 16% de estudantes universitários reportaram terem sido “forçados a envolverem-se em relações sexuais enquanto num encontro romântico” pelo menos uma vez na vida; e o estudo de Muehlenhard e Cook (1988), em que

62.7% dos homens, comparados com 46.3% de mulheres, reportaram terem sido coagidos a envolverem-se em atividade sexual indesejada (definida como incluindo beijos indesejados, carícias ou relações sexuais). É fundamental chamar a atenção para as diferentes definições de coação sexual e dimensões avaliadas nos dois estudos citados, que poderão ser explicativas das discrepâncias observadas, tendo o estudo de Muehlenhard e Cook (1988) uma definição mais ampla de coação sexual.

Estudos de vitimização sexual masculina propõem que as mulheres procuram praticar uma larga variedade de atividades sexuais com homens relutantes, incluindo tanto atos penetrativos, como não-penetrativos, de que serve exemplo o estudo de Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (1998), em que 36% da amostra masculina reporta pelo menos um incidente de toque sexualmente coagido (sem relações sexuais) e 27% reporta pelo menos um incidente coercivo envolvendo relações.

Desde os anos 80 e 90 que os estudos sobre vitimização masculina de agressão sexual se baseiam predominantemente em estudantes universitários, com uma prevalência relatada entre 16% e 24% (Fiebert & Tucci, 1998; Krahé & Berger, 2013; Larimer et al., 1999; Lottes, 1992; Struckman-Johnson, 1988; Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994a). Quanto à vitimização masculina, realizada por mulheres dentro do contexto de relações amorosas, a investigação é mais escassa, sendo que podemos referir, a título de exemplo, o estudo já mencionado de Struckman-Johnson (1988) e o de O'Sullivan, Byers e Finkelman (1998), que mostram uma prevalência de, respetivamente, 16% e 24%. Neste âmbito, estudos revelam que uma grande maioria das agressões sexuais são cometidas por pares, normalmente alguém com quem a mulher esteve romanticamente envolvida (Bridgeland, Duane, & Stewart, 1995). Em concordância com esta informação, Krahé e colaboradores (2003) concluíram que enquanto a agressão direcionada a um homem previamente desconhecido não tinha quase papel nenhum, a prevalência de agressão sexual para com um (ex-)parceiro era a mais elevada e para com um amigo ou conhecido era menos frequente (metade).

Relativamente à prevalência da agressão sexual feminina, a literatura disponível expõe ampla variedade na percentagem de mulheres que relatam a adoção de estratégias agressivas para obter contacto sexual com um homem contra a sua vontade, relatando valores que variam dos 5% aos 35.8% (Anderson, 1998a; Carvalho & Nobre, 2015; Hines & Saudino, 2003; Krahé & Berger, 2013; Krahé et al., 2003; Larimer et al., 1999). Carvalho e Nobre (2015) parecem destacar que esta grande discrepância de valores se deve, possivelmente, aos diferentes métodos e procedimentos utilizados para medir este fenómeno,

acrescentando que, ainda que os comportamentos sexuais sejam concetualizados sobe títulos semelhantes (e.g., agressão sexual feminina), nem todos se referem ao mesmo reportório de comportamentos.

Contrastando aos estudos de prevalência, nos estudos de incidência, as mulheres são questionadas sobre agressão sexual que tenha acontecido num período específico de tempo, habitualmente nos 12 meses prévios ao questionário (Krahé et al., 2003). O número destes estudos é ainda menor do que os de prevalência e revelam taxas mais baixas de agressão sexual do que estes últimos (Krahé et al., 2003).

4.1. O problema da reportação enviesada das taxas de agressão sexual feminina.

A subestimação das taxas de agressão sexual perpetrada por mulheres contra homens deve-se a variadas razões, mas principalmente devido à relutância dos homens em revelarem experiências de vitimização. Esta relutância não é surpreendente dado que, apesar de provas em contrário, persiste o mito social de que os homens não podem ser sexualmente vitimizados por uma mulher, pois, supostamente, são incapazes de funcionar sexualmente a não ser que estejam sexualmente excitados (i.e., com uma ereção), e essa excitação é avaliada como um indicador de concordância (Busby & Compton, 1997). Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (1992) reportaram que, aproximadamente, 18% de mulheres e 22% de homens acreditavam ser impossível violar um homem e que 22% de mulheres e 35% de homens acreditavam que os homens não experienciavam trauma devido à agressão sexual por uma mulher. Assim, é muito provável que homens que superem a relutância em partilhar as suas experiências sejam encontrados com ceticismo e/ou estigmatização (Busby & Compton, 1997).

É necessário ter em conta, na sub-reportação da incidência deste fenómeno, o efeito de mitos da masculinidade, como o mito do *macho latino* em que, por exemplo, “homens de verdade nunca recusariam os avanços de uma mulher” (Muehlenhard & Cook, 1988). Estes mitos influenciam as perceções das interações sexuais, pois se isto é verdade, as mulheres podem não reconhecer o seu comportamento como sexualmente agressivo e os homens podem preferir envolverem-se em atividade sexual indesejada, como forma de mostrar virilidade e não ter a sua masculinidade posta em causa (D’abreu, Krahé, & Bazon, 2013). Estes mitos podem também levar as vítimas masculinas a assumirem culpa ou fraqueza, a experienciarem confusão ou vergonha, e a que permaneçam em silêncio (Smith, Pine, & Hawley, 1988; Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1992). É provável que os homens ajam em conformidade com as expectativas do papel de género de que deveriam, por

exemplo, ser fortes, assertivos e sexualmente experienciados, levando a que se envolvam em relações sexuais indesejadas, provavelmente, por temerem parecer homossexuais, tímidos, amedrontados, afeminados, ou inexperientes (Muehlenhard & Cook, 1988). Coação psicológica, pressão pelos pares e desejo de popularidade, são outras razões para este envolvimento indesejado (Muehlenhard & Cook, 1988; Struckman-Johnson, 1988).

A incidência de agressão sexual perpetrada por mulheres contra homens é também sub-reportada porque entra em conflito com as representações sociais idealizadas de feminidade e maternidade (Motz, 2001). O *script* sexual tradicional faz-nos acreditar que os homens procuram sexo e as mulheres resistem, contudo, a literatura sugere que este tem desenvolvido uma medida de flexibilidade: as mulheres também procuram e os homens resistem (Clements-Schreiber et al., 1998). Desta forma, não se podem utilizar os *scripts* sexuais tradicionais como explicação para a agressão sexual feminina, sendo que a validade destes modelos tradicionais tem, inclusivamente, sido questionada através de tentativas de explicar dados recentemente reunidos sobre a iniciação e agressão sexual, tanto masculina como feminina (Byers, 1996). É preciso investir no desenvolvimento de novas definições de agressão sexual, bem como na criação de novos modelos sobre o comportamento sexual feminino que incluam as suas estratégias agressivas e motivos (Anderson & Sorensen, 1999).

4.2. O problema das discrepâncias entre os relatos masculinos e femininos.

Para além do problema da sub-reportação das taxas de agressão sexual feminina, podemos evidenciar também discrepâncias entre os relatos masculinos e femininos quanto a este fenómeno. Num dos primeiros estudos de prevalência sobre a agressão sexual de mulheres dirigida a homens, Struckman-Johnson (1988) evidenciou que 16% dos participantes masculinos admitiram terem sido forçados, por um parceiro, a terem atividade sexual, mas apenas 2% dos participantes femininos reportaram terem forçado este comportamento. Estes resultados foram observados em múltiplos estudos posteriores, em que homens, consistentemente, relataram receber mais iniciação sexual e agressão do que as mulheres reportaram dar (Anderson & Aymami, 1993; Anderson & Sorensen, 1999; D'Abreu et al., 2013; Hines & Saudino, 2003).

Algumas discrepâncias observadas entre as respostas dos homens e das mulheres para as mesmas ações são lógicas, como aquando do questionamento das razões subjacentes à iniciação do contacto sexual por parte das mulheres, pois é difícil avaliar as razões e motivos das ações de outra pessoa; noutras situações, as diferenças nos relatos não são tão

lógicas (e.g., “enquanto ele era menor e você adulta”, “ameaça com força física”, “utilização de força física”, “ameaça de auto ferimento”) (Anderson & Aymami, 1993).

Existem várias razões hipotetizadas para estas discrepâncias, algumas baseadas em enviesamentos por parte das mulheres, outras por partes dos homens. Desta forma, podem ser resultado da socialização sexual das mulheres e estereótipos sexuais dos homens, levando a que as mulheres forneçam, em parte, respostas socialmente desejáveis e, parcialmente, baseadas no mito de que os homens nunca recusariam uma oportunidade sexual (Anderson & Aymami, 1993); ou da inconsciência, por parte das mulheres, da falta de desejo dos seus parceiros por atividade sexual no momento, ou da falha destes em comunicarem os seus desejos (Hines & Saudino, 2003). Em acréscimo a isto, a iniciação de contacto sexual por parte de uma mulher pode ser uma ideia tão pouco expectável, que poderá acontecer que os homens exageram a ocorrência nas suas próprias memórias e relatos, havendo, ainda, a possibilidade dos homens sobre-reportarem as suas experiências devido à confusão (talvez devido ao álcool ou drogas), interpretação errada (e.g., deturpação dos comportamentos amigáveis de mulheres como avanços sexuais), autoilusão (Anderson & Aymami, 1993), necessidade de diferir responsabilidade ou “gabar” sobre o encontro sexual (Anderson & Sorensen, 1999). Contudo, a sobre-reportação intencional por parte dos homens é improvável, uma vez que, para eles, a vitimização sexual é uma experiência socialmente indesejável, mais até do que para as mulheres, devido à maior incompatibilidade do estereótipo de género masculino com o papel de vítima (D’Abreu et al., 2013). Outra possível razão para a taxa de vitimização masculina relativamente elevada em relação à taxa de perpetração por parte das mulheres, pode ser por uma proporção substancial de vítimas masculinas serem agredidas por perpetradores do mesmo sexo (D’Abreu et al., 2013). Por fim, devido aos limites da técnica de recolha da amostra, é possível que tanto os relatos femininos como masculinos estejam corretos e que reflitam, simplesmente, diferentes realidades e experiências de vida (Anderson & Aymami, 1993; Sisco & Figueredo, 2008).

Para além de diferenças de género, também foram salientadas discrepâncias em relatos de agressão sexual entre grupos de mulheres, nomeadamente, entre mulheres de diferentes regiões - Anderson (1998) reportou que mulheres da América do Sul reportam, no geral, menor agressão (34% vs. 46.2%), abuso sexual (7.3% vs. 21.1%) e sexo fisicamente forçado (1.6% vs. 7.1%), do que as mulheres do Norte, mas não menos coação sexual. As diferenças regionais foram interpretadas, pelo autor referido, como variações globais nas mensagens de namoro e nos guiões de género para cada área.

5. Estratégias de Interação Agressiva com o Sexo Oposto

É importante fazer a distinção entre estratégias de sedução, estratégias de excitação sexual e estratégias agressivas. Enquanto estratégias de sedução (i.e., não agressivas) incluem comportamentos tais como dançar de forma sedutora, usar uma roupa/perfume específico, ou dar massagens, estratégias agressivas incluem comportamentos coercivos psicológicos e táticas de força física tais como bater, segurar alguém impedindo que se levantem, ou a ameaça de utilização de uma arma (Anderson & Newton, 2004). Struckman-Johnson, Struckman-Johnson e Anderson (2003) examinaram estratégias de excitação sexual, tais como toque persistente e beijar, que pretendem alterar a opinião da pessoa relativamente a ter sexo; propuseram que estas estratégias, utilizadas em determinado contexto, apesar de menos explorativas do que estratégias agressivas, eram ainda assim consideradas explorativas.

A partir dos relatos fornecidos por homens e mulheres, observa-se a utilização de várias estratégias agressivas, por parte das mulheres, para a obtenção de contacto sexual com o sexo oposto, nomeadamente, coação verbal/pressão psicológica, força física, utilização simultânea de coação verbal e força física, utilização de álcool ou drogas (Anderson & Aymami, 1993; Struckman-Johnson, 1988; Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994b).

Estudos sugerem que a coação verbal é a forma predominante de coação sexual utilizada, com percentagens que variam entre 11% e 88% (Anderson, 1998b; Anderson & Aymami, 1993; Busby & Compton, 1997; Craig Shea, 1998; Hines, 2007; Lottes, 1992; O'Sullivan & Byers, 1993; Schatzel-Murphy, Harris, Knight, & Milburn, 2009; Sorenson et al., 1987; Struckman-Johnson, 1988; Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994a), seguida pela utilização de pressão psicológica com força física, relatada numa percentagem entre 10% (magoados fisicamente ou ameaçados) e 30% (combinação de dano, ameaças e pressão verbal) (Sorenson et al., 1987; Struckman-Johnson, 1988). Por outro lado, enquanto as mulheres são mais prováveis de reportarem terem sido vítimas de violência física (Fiebert & Tucci, 1998), esta parece ser a forma menos utilizada por estas, com percentagens entre 1.2% e 20% (Anderson, 1998b; Anderson & Aymami, 1993; Craig Shea, 1998; Hines, 2007; Struckman-Johnson, 1988; Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994a, 2001; Struckman-Johnson et al., 2003). Relativamente à utilização de álcool e/ou drogas, estudos mostram-nos que esta pode existir num *continuum*, que vai desde explorar o estado incapacitado de alguém (entre 32% e 52%), até fornecer álcool ou drogas com o intuito

consciente de tomar proveito da pessoa (entre 0.5% e 88%) (Anderson, 1996, 1998a, 1998b; Anderson e Aymami, 1993; Lottes, 1992; O'Sullivan et al., 1998; Schatzel-Murphy et al., 2009; Struckman-Johnson, 1988; Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994a). Segundo vítimas masculinas, um cenário comum envolve uma mulher predadora que encontra um homem inebriado (ou contribui para o seu estado de inebriamento), o persegue até que adormeça ou desmaie, depois estimula-o manualmente ou oralmente até que obtenha uma ereção e, por fim, monta-o para ter relações sexuais (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 2001).

Dentro da coação verbal, podemos especificar várias formas de a pôr em prática com um parceiro relutante, nomeadamente, insistir nos atos (Hines & Saudino, 2003), amuar, insultar, fazer a pessoa sentir-se culpada ou ciumenta, chantagear, ameaçar terminar a relação (Schatzel-Murphy et al., 2009), tentar excitá-lo, pressionar com argumentos verbais e súplicas, dissimular (Lottes, 1992; Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 2001). Sendo uma estratégia *hands-off*, ou seja, que não envolve contacto físico entre os participantes, a coação verbal permite disfarçar estes comportamentos violentos de práticas não agressivas, não criminais e até socialmente aceitáveis (Carvalho & Nobre, 2015); pode também refletir a realidade das diferenças físicas entre homens e mulheres, no sentido em que mulheres recorrem a formas indiretas de coação devido à improbabilidade de serem bem-sucedidas na subjugação física de um homem (O'Sullivan et al., 1998).

6. Variáveis Contextuais de Agressão Sexual

Dada a escassez de investigação sobre as experiências masculinas de agressão sexual, os investigadores examinam as variáveis contextuais deste fenómeno baseando-se nas experiências femininas que preveem serem semelhantes para ambos os sexos. Desta forma, podemos referir-nos à relação com o perpetrador e a história partilhada de atividade sexual consensual e não-consensual, que tipicamente ocorre dentro do contexto de namoro heterossexual (por uma mulher conhecida ou namorada), após algum nível de atividade sexual consensual, sendo coito e toque sexual (beijos/tocar) as atividades sexuais não consensuais tipicamente assumidas; ao local do incidente, tipicamente relatado como sendo isolado, ou mesmo no local de residência ou carro do homem ou da mulher; à utilização de droga e/ou álcool (O'Sullivan et al., 1998).

Esta última variável é um preditor útil de agressão, especialmente junto da população universitária, sendo a utilização abundante de álcool percecionada como normativa e socialmente aceitável em situações sociais universitárias (Baer, Stacy, & Larimer, 1991). Contudo, é fundamental a noção de que o consumo de álcool debilita as capacidades de processamento de informação, acabando por tornar as vítimas menos alertas para pistas que indiquem a possível iminência de uma agressão sexual (Krahé & Berger, 2013).

7. Razões para a Iniciação de Contacto Sexual por Parte das Mulheres

É importante compreender a razão pela qual as mulheres iniciam, intencionalmente, contacto sexual com alguém do sexo oposto. Alguns estudos mostram-nos que estas relatam o envolvimento na variedade completa de estratégias de iniciação tradicionalmente atribuída aos homens, por razões incluindo desejo e excitação sexual, uma necessidade de ter poder/controlo ou ganhar algo e como uma reação a abuso passado (Anderson, 1996, 1998b; Calderwood, 1987; Sarrel & Masters, 1982).

Contrariamente a esta perspectiva, as conclusões do estudo de Schatzel-Murphy e colaboradores (2009) apresentam-nos um modelo feminino que indica que as mulheres sexualmente coercivas não se estão simplesmente a comportar como homens, na medida em que a coação sexual feminina aparenta ser primariamente conduzida por sentimentos de compulsividade, uma distinta falta ou perda de controlo sobre o comportamento próprio, e apenas secundariamente apoiada por uma atração pela dominância sexual. Tanto a motivação afiliação-intimidade, como a compulsividade sexual entre mulheres, podem ser indicativas de um desejo de estabelecer uma ligação (Schatzel-Murphy et al., 2009). Esta noção de “mulher coerciva que procura ligações” foi previamente proposta por Struckman-Johnson, Anderson e Struckman-Johnson (2000, citado em Schatzel-Murphy et al., 2009), que sugeriram que estas mulheres são conduzidas pelo desejo de romance e intimidade e que este tipo de coação sexual pode ser, fundamentalmente, “uma tentativa desesperada de obter o interesse do homem”, ainda mais se este está indisponível para a mulher. Desta forma, estas mulheres coercivas à procura de ligações parecem comportar-se coercivamente dentro de um papel tradicionalmente concebido como feminino, motivadas pelo desejo de intimidade e afiliação, e recorrendo a estratégias de poder quando as suas necessidades sexuais não são alcançadas (Schatzel-Murphy et al., 2009).

8. Estratégias de Resistência dos Homens

Mais uma vez, devido à socialização, aos *scripts* sexuais e aos papéis de género, podemos observar diferenças entre homens e mulheres quanto às reações e estratégias de resistência face a comportamentos coercivos. Enquanto os homens aprendem que é expectável que sejam eles a ter iniciativa no que toca à atividade sexual, que se mantenham vigilantes para oportunidades sexuais e que persigam níveis de intimidade crescentes; as mulheres são ensinadas a moderar os avanços sexuais dos homens e aprendem que qualquer atividade sexual que ocorra pode ser considerada da sua responsabilidade, levando a que a possibilidade de se envolverem em atividade sexual indesejada seja visualizada pelas mulheres como mais aversiva do que para os homens (O'Sullivan et al., 1998). Desta forma, é mais provável que as mulheres utilizem estratégias comportamentais de resistência fortes, indiquem mais claramente a sua falta de vontade de participar e que acreditem que o parceiro compreende que não querem participar; e que os homens evitem expressar claramente a sua falta de vontade e evitem fornecer resistência forte perante as tentativas coercivas da parceira, de forma a impedirem um questionamento da sua masculinidade, quer pela parceira, quer pelos próprios (O'Sullivan et al., 1998).

Estes estereótipos tradicionais de papéis sexuais podem levar a dois fenómenos de comunicação ambígua, frequentemente utilizada por ambos os sexos, na negociação de intimidade sexual. O primeiro é o *token resistance*, que foi definido por Muehlenhard e Hollabaugh (1988) como “uma indicação por parte da mulher de que não quer ter sexo, apesar de ter todas as intenções de o fazer e estar disponível para se envolver em relações sexuais”, indo ao encontro do estereótipo de que as mulheres “resistem, inicialmente, aos avanços sexuais dos homens, mesmo quando os consideram desejáveis e tencionam retribuir”. O segundo fenómeno é o *compliance*, isto é, aceitar contactos sexuais sem os desejar realmente (Krahé, Scheinberger-Olwig, & Kolpin, 2000). Tanto o *token resistance* como o *compliance* aumentam a probabilidade de vitimização sexual, devido à formação de *false consensos bias* (i.e., viés de consentimento falso), na medida em que pode encorajar que mulheres que utilizem, elas próprias, por exemplo, *token resistance*, assumam que os homens também o façam, levando a uma negligência da rejeição masculina perante um avanço sexual e a uma ligação entre o *token resistance* auto-relatado e agressão sexual (Krahé et al., 2003).

9. Reações, Impacto Emocional e Consequências da Agressão Sexual Feminina

A literatura revela que as reações masculinas perante a coação sexual por parte de mulheres variam entre reações positivas, nenhuma reação significativa e reações fortemente negativas. Por exemplo, no estudo de Struckman-Johnson (1988), a maior parte dos participantes masculinos (46%) sentiu-se de forma neutra em relação ao episódio quando este aconteceu e os restantes estavam igualmente divididos entre sentimentos positivos (27%) e negativos (27%). Adicionalmente, os resultados do estudo de Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (1994a) sugerem que a maioria dos homens (50%) não tinha nenhuma reação negativa ou então reações negativas muito ligeiras em relação ao seu episódio mais recente de contacto feminino indesejado; contudo, 20% dos homens havia tido de facto uma reação negativa forte à experiência (i.e., vergonha, medo, confusão, zanga, ressentimento perante o comportamento fisicamente agressivo de uma mulher, preocupação relativamente à própria heterossexualidade caso resistissem aos avanços e medo de contar a outros devido à possibilidade de não acreditarem neles).

Ainda assim, as mulheres reportam mais reações intensas emocionalmente negativas do que os homens, de que é exemplo o estudo de O'Sullivan e colaboradores (1998), em que 39% de homens, mas apenas 6% de mulheres reportaram não estarem “perturbados de forma nenhuma” na altura do incidente, enquanto 17% dos homens em comparação com 31% das mulheres relataram estarem “extremamente perturbados” na altura. Poucos homens referem experienciar consequências a longo prazo – apenas 25% no estudo de Struckman-Johnson (1988). Ainda assim, são relatadas algumas, entre as quais, aversão e disfunção sexual (Sarrel & Masters, 1982), evitamento de mulheres sexualmente agressivas (Struckman-Johnson, 1988), falta de confiança e cautela à volta de mulheres, dificuldades relacionais (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 2001), sintomas depressivos, problemas relacionados com o álcool (Larimer et al., 1999), diminuição do envolvimento em atividades sociais e diminuição do funcionamento académico (O'Sullivan et al., 1998).

O'Sullivan e colaboradores (1998) acreditam que é o significado ou fenomenologia das experiências de coação sexual que fornece o índice mais válido para este problema social. Assim, faz sentido que as mulheres experienciem consequências mais severas e que muitos homens não se sintam incomodados pela coação sexual feminina. Isto porque, por um lado, as mulheres são socializadas para se sentirem desvalorizadas por experiências sexuais indesejadas e para acreditarem que violação é das piores coisas que lhes poderia

acontecer, por outro lado, os homens vêm o seu valor aumentado e a sua reputação melhorada por qualquer experiência sexual com mulheres (O'Sullivan et al., 1998), podendo até ser culturalmente inaceitável e incongruente com o papel de género, que um homem receba uma oportunidade sexual com algo menos do que entusiasmo (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994a).

Contudo, segundo Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (2001), há situações específicas em que um homem se sente angustiado ou revoltado perante coação sexual feminina, nomeadamente, quando uma mulher utiliza contenção física contra ele, quando são explorados por uma mulher enquanto intoxicados (especialmente se considerarem a mulher pouco atraente), quando um jovem com padrões sexuais conservativos perde a sua virgindade para uma mulher sexualmente agressiva, quando uma mulher destas leva a que um homem traia outra mulher na sua vida, ou quando a perpetradora feminina é uma figura de autoridade poderosa.

9.1. Perceções dos estudantes universitários acerca da agressão sexual.

Através das reações de estudantes universitários a vinhetas/cenários de interações sexuais, como forma de compreender as perceções destes sobre violação e agressão sexual, observou-se que um importante fator na avaliação é o tipo de consentimento/nível de resistência oferecido pela vítima, sendo o termo “violação” substancialmente mais empregue quando ocorria resistência física ou verbal aquando do sexo e não tanto aquando de beijos e toque (Hannon et al., 1996). Contudo, mesmo na condição mais extrema do estudo (i.e., combinação de resistência verbal e física com sexo), apenas 52.9% dos participantes identificaram a vinheta como sendo de violação. Isto sugere que as ideias estereotipadas sobre violação são muito resistentes à mudança (Hannon et al., 1996) e que nas relações de namoro (na universidade) estes comportamentos podem ser considerados como socialmente normativos (Oswald & Russell, 2006). A percentagem de participantes a classificar a situação como violação pode ter sido reduzida pelo facto de não se ter especificado ou manipulado o nível de força utilizado pelo agressor (Hannon et al., 1996). Outros fatores importantes na determinação de perceções de agressividade são a estratégia específica utilizada, em que a estimulação e pressão verbal são avaliadas como mais aceitáveis do que força simulada, intoxicação e força física (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1991); e o envolvimento de álcool, nomeadamente, a intoxicação da vítima, que reduz a probabilidade das pessoas responsabilizarem o agressor pelo seu comportamento (Hammock & Richardson, 1993).

Existe literatura que sugere que as pessoas dão uso a padrões distintos para avaliar o comportamento de homens e mulheres em situações sexuais (Clements-Schreiber et al., 1998), em que a coação por parte de homens, direcionada a mulheres, quando comparado com o contrário, é considerado menos aceitável, percebida de forma mais negativa e mais provável de ser rotulada como violação (Hannon, Hall, Nash, Formati, & Hopson, 2000). Mesmo mulheres que utilizam estratégias agressivas podem não rotular o seu comportamento como coercivo (Oswald & Russell, 2006) e existem, inclusive, estudos que referem que as mulheres não são tão sensíveis ao comportamento de assédio por mulheres como são por homens, considerando que os homens devem apreciar e gostar de qualquer avanço por parte de uma mulher e perceber a experiência de uma transgressão sexual como agradável, lisonjeadora, ou inofensiva (Johnson, Stockdale, & Saal, 1991).

Podemos concluir, a partir dos vários estudos citados, que é provável que os estudantes universitários não percebam os comportamentos sexualmente coercivos como particularmente agressivos ou inquietantes em relações de namoro universitárias heterossexuais; suspeita-se até que um certo nível de coação sexual seja considerado normativo nestas relações (Oswald & Russell, 2006). Todavia, por um lado, não legitimar uma pessoa como vítima pode interferir na sua procura por apoio e/ou tratamento, ou levar a que permaneça numa relação não saudável; por outro, não identificar uma pessoa como coerciva quando utiliza força física, intoxicação intencional, ou ameaças verbais para obter relações sexuais, pode impedir intervenções adequadas e resultar no envolvimento continuado da pessoa nestes comportamentos (Oswald & Russell, 2006).

10. Preditores da Agressão Sexual Feminina - Variáveis e Fatores Relacionais

Apesar das várias tentativas de explicar a elevada percentagem de coação sexual feminina, esta questão foi pouco aprofundada empiricamente. Desta forma, a evidência dos preditores é escassa, sendo a sua escolha, na maioria dos estudos, baseada primordialmente na literatura relativa à agressão sexual masculina dirigida a mulheres. Ainda assim, é possível reunir um conjunto de fatores que se mostraram relacionados com a coação sexual feminina.

Um dos preditores mais citados é a vitimização sexual na infância (Anderson, 1996; Carvalho & Nobre, 2015; Russell & Oswald, 2001; Schatzel-Murphy et al., 2009). Esta vitimização pode levar a um possível ciclo vítima-para-perpetrador (Krahé et al., 2003), ou

pode levar à revitimização sexual na idade adulta, tanto em mulheres como em homens (Hines, 2007).

Outro preditor bastante citado da medida em que a coação sexual ocorre é a adoção, por mulheres, de crenças sobre as relações heterossexuais como sendo necessariamente conflituosas e hostis (Anderson, 1996; Hines, 2007). Neste sentido, quando as pessoas são socializadas para visualizarem as relações como enganosas, manipulativas e explorativas, e quando a visão normativa é que as relações são um meio de ganhar poder e controlo, ao invés de partilha de amor e ternura, estas pessoas são mais prováveis de coagir verbalmente ou forçosamente sexo dos seus parceiros (Hines, 2007). Ainda, Yost e Zurbriggen (2006) revelaram que a utilização de coação sexual aumentava à medida que aumentavam as atitudes coercivas e estereotípicas das mulheres sobre a sexualidade e sobre as mulheres.

O fenómeno em estudo pode ser também influenciado positivamente pela adoção de papéis sociais menos tradicionais que aumentam o estatuto das mulheres na sociedade (Anderson, 1998a; Hines, 2007), pela compulsividade sexual (Schatzel-Murphy et al., 2009), comunicação ambígua de intenções sexuais, pressão por parte dos pares em direção à atividade sexual, níveis elevados de atividade sexual/parceiros sexuais (Krahé et al., 2003), ou idade precoce aquando da primeira relação sexual (Anderson & Newton, 2004).

Podemos falar noutros fatores que se têm revelado característicos de mulheres sexualmente agressivas. Craig Shea (1998) concluiu que mulheres coercivas podiam ser distinguidas de outras mulheres universitárias no sentido em que era mais provável que “percecionassem os papéis tradicionais das mulheres como sendo restritivos; acreditassem que forçar o sexo em certas ocasiões é aceitável; reconhecessem como aceitável que as mulheres tivessem pensamentos e desejos sexuais e agissem sobre estes; e admitissem a sua luxúria e desejo por poder nos encontros sexuais”. Clements-Schreiber e colaboradores (1998) revelaram que a tendência das mulheres para aprovarem e/ou utilizarem estratégias agressivas se verificava em mulheres casadas que tinham uma maior aceitação do estereótipo sexual da “acessibilidade sexual masculina” e em mulheres não casadas que discordavam com o estereótipo sexual do “desejo sexual dependente do género”. Russell e Oswald (2001) verificaram que mulheres sexualmente coercivas apresentavam atitudes altamente femininas (i.e., características socialmente consideradas como representativas da mulher ideal), uma tolerância mais elevada ao assédio sexual, bem como uma abordagem lúdica/manipulativa perante as relações. Por fim, Carvalho e Nobre (2015) mostraram que mulheres sexualmente agressivas apoiavam níveis mais elevados de orientação sociossexual sem restrições (i.e., apoiar sexo casual), reportavam mais fantasias sexuais sobre dominância sexual e submissão

sexual, apresentavam excitação sexual aumentada simultaneamente com inibição sexual, devido à ameaça de fracasso no desempenho sexual e, apresentavam ainda, maior compulsividade sexual.

11. Objetivos do Estudo

As características relacionadas com a perpetração de comportamentos sexualmente violentos por parte das mulheres (especialmente de mulheres jovens e com elevada escolaridade) são francamente desconhecidas, o que impede o desenvolvimento de modelos conceituais sobre a agressão sexual feminina, bem como de estratégias de prevenção e intervenção direcionadas ao combate desta preocupação social (Carvalho & Nobre, 2015). O único estudo realizado em Portugal mostrou que as mulheres com relato de comportamentos sexualmente agressivos se caracterizavam por um perfil psicossocial distinto, nomeadamente, apresentavam um leque de atitudes sexuais mais permissivas, maiores índices de excitação sexual e compulsividade sexual, entre outros (Carvalho & Nobre, 2015).

À falta de modelos conceituais sobre estas formas de interação sexualmente agressivas por mulheres, sobretudo sobre as características psicológicas e de personalidade associadas, este estudo tem como objetivo aprofundar esta linha de investigação e ser um estudo exploratório destas mesmas características. Assim, serão considerados os seguintes fatores: caracterização das estratégias sexualmente agressivas para interação sexual com o sexo oposto, personalidade, afeto, sintomatologia psicológica, impulsividade e alexitimia.

Os resultados irão contribuir para melhorar a caracterização deste fenómeno, uma vez que irão integrar um conjunto mais amplo de fatores a estudar no âmbito desta linha de investigação, a qual contempla dimensões do foro psicossocial, sexual e cultural. Sem esquecer o impacto negativo da agressão sexual feminina reportado por alguns homens, espera-se também que os resultados possam ter impacto ao nível da prevenção da agressão sexual perpetrada por estudantes universitárias do sexo feminino.

Método

1. Participantes

O presente estudo incidiu sobre estudantes universitárias do Ensino Superior português, público e privado, de todos os ciclos de estudos, do sexo feminino, com idade mínima de 18 anos e orientação sexual heterossexual.

Duas mil quinhentas e trinta e uma estudantes universitárias responderam ao inquérito *online*, das quais 1735 desistiram, possivelmente devido à sua longa duração (aproximadamente, 30 minutos) e/ou à sua natureza intimista. As restantes participantes ($n = 796$) completaram o protocolo de avaliação. Os dados sociodemográficos mostraram que a maioria das participantes é solteira, frequenta uma licenciatura e tem uma média de idades que varia entre os 21 anos (mulheres não agressivas) e os 22 anos (mulheres sexualmente agressivas) (cf. Quadro 1).

2. Procedimento

2.1. Procedimento de recolha de dados.

Após aprovação pela comissão de ética da FPCEUP, o estudo foi lançado *online*, entre outubro e novembro de 2015, com recurso ao *software Limesurvey* (uma plataforma que permite a criação e gestão de questionários eletrónicos).

Antes de proceder à divulgação do estudo, foram realizados testes com voluntários, com o objetivo de verificar a adequação e clareza das instruções, questões e itens dos questionários, bem como estimar o tempo médio necessário para o seu preenchimento.

A subsequente divulgação foi feita através de pedidos de colaboração com recurso à rede de contactos das várias universidades portuguesas (públicas e privadas), a blogues (gerais e dedicados à sexualidade) e através de redes sociais (e.g., *Facebook*); foi também realizada divulgação *boca-a-boca* de que o estudo se encontrava ativo *online*, como forma de chegar a pessoas que acessem poucas vezes à internet. A amostra, e os consequentes dados, foram obtidos através de um processo de amostragem não probabilístico, por conveniência.

Quadro 1*Tabela sociodemográfica.*

	Mulheres Sexualmente Agressivas (n = 260)		Mulheres Não Agressivas (n = 534)	
Idade	M = 22.94	DP = 5.71	M = 21.85	DP = 4.35
Idade da Primeira Relação Sexual	M = 17.17	DP = 1.96	M = 17.32	DP = 2.07
Estado Civil				
Casada	2.3%		2.2%	
Solteira	91.5%		94.6%	
União de Facto	4.2%		2.8%	
Divorciada	1.5%		0.4%	
Separada	0.4%		0.0%	
Viúva	0.0%		0.0%	
Instituição				
Privado	n = 24 (9.2%)		n = 21 (3.9%)	
Público	n = 236 (90.8%)		n = 513 (96.1%)	
Habilitações				
A frequentar Licenciatura	56.2%		58.2%	
A frequentar Mestrado	35.4%		36.3%	
A frequentar Doutoramento	4.2%		3.0%	
Outro	4.2%		2.4%	
Parceiros Sexuais Atuais				
Nenhum	25.1%		28.6%	
1	71.0%		68.6%	
2	1.5%		1.3%	
Múltiplos	2.3%		1.5%	
Frequência Atividade Sexual				
Nenhuma	12.4%		16.0%	
Raramente	9.3%		11.1%	
1 / mês	6.6%		6.4%	
2 a 3 / mês	16.6%		18.0%	
1 a 3 / semana	49.0%		40.6%	
Quase sempre	6.2%		7.9%	
Vítima de Abuso Sexual	5.4%		5.8%	
Consumo de Drogas	6.9%		5.1%	

Tendo em conta que este tópico tem inerente questões de desejabilidade social, o estudo não foi divulgado como sendo sobre agressão sexual, mas como uma investigação sobre fatores psicológicos e interação com o sexo oposto, que pretendia compreender de que

forma as mulheres procuram, do ponto de vista sexual, interagir com o sexo oposto, bem como os fatores de ordem psicológica que influenciam as diferentes formas de interação. O facto de o estudo ter sido realizado numa plataforma *online* permitiu às participantes responder no tempo e contexto que achassem adequados.

Ao acederem ao estudo *online* as participantes eram apresentadas com uma página inicial (cf. Anexo A) que lhes informava: do objetivo do estudo; da amostra pretendida; do anonimato, confidencialidade e carácter voluntário do estudo; do tempo médio de preenchimento; do carácter intimista do mesmo. De seguida, antes de completarem a bateria de questionários, as participantes deram consentimento informado (cf. Anexo B), onde declaravam o esclarecimento das condições de participação no estudo, assim como a sua concordância em participar no mesmo.

Para além disto, no final do preenchimento da bateria de questionários, foi oferecida a oportunidade de acompanhamento especializado e gratuito às participantes que o solicitassem; foi-lhes também facultada uma forma de contactar a investigadora para qualquer esclarecimento (i.e., *e-mail*) e foram informadas da possibilidade de assistirem a uma sessão de divulgação dos resultados do estudo no final do ano 2016 (20 participantes enviaram um *e-mail* a demonstrar interesse nesta sessão).

Como forma de assegurar o anonimato e a confidencialidade das participantes, as respostas eram remetidas de modo automático para a base de dados e não eram solicitados quaisquer elementos identificativos das participantes (e.g., nome, morada).

2.2. Procedimento de análise de dados.

Tendo em conta a natureza quantitativa do estudo, recorreu-se ao *software IBM SPSS Statistics* para Windows, versão 20, para a análise dos dados. Para efeitos de análise estatística, foram seleccionados diferentes testes em função das análises pretendidas e das características das variáveis consideradas. Logo à partida, como forma de obter e descrever os dados sociodemográficos da amostra (grupo de mulheres sexualmente agressivas e não agressivas), realizaram-se estatísticas descritivas. De seguida, calculou-se a distribuição da percentagem de mulheres sexualmente agressivas de acordo com cada item da SABS (cf. secção “Medidas”), recorrendo também a estatísticas descritivas de frequências.

Posteriormente, no sentido de avaliar o efeito da condição grupo (Mulheres Sexualmente Agressivas x Mulheres Não Agressivas) nas variáveis em estudo (i.e., alexitimia, afeto positivo/afeto negativo, personalidade, impulsividade, sintomas psicopatológicos), foram realizadas análises *multivariadas de covariância* (MANCOVAs),

introduzindo a desejabilidade social como co-variável em todas as análises; a homogeneidade da variância e covariância foi testada através do Box *M* e Teste de *Levene*. É importante salientar que, nas análises realizadas, um nível de significância inferior a .05 ($p < .05$) foi considerado como indicador de diferenças estatisticamente significativas, com exceção das análises incluindo um número de variáveis dependentes superior a dois, nas quais se aplicava a correção de Bonferroni, como forma de evitar cometer um erro Tipo I. Além disso, a magnitude dos efeitos foi considerada segundo as indicações de Cohen (1988), adotando as seguintes convenções: $\eta^2 \geq .01$ – efeito pequeno; $\eta^2 \geq .06$ – efeito moderado; $\eta^2 \geq .14$ – efeito elevado.

Apesar de não fazer parte dos objetivos de investigação delineados para este estudo, como forma de enriquecer a discussão dos resultados obtidos, foi avaliada a presença de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, em termos de preditores não psicológicos de agressividade sexual (i.e., vitimização sexual passada, frequência de atividade sexual, número de parceiros sexuais, idade precoce aquando da primeira relação sexual). Com este intuito, no caso das variáveis intervalares, recorreu-se ao teste *t*-student para amostras independentes e, no caso das variáveis categóricas, utilizou-se o teste qui-quadrado de *Pearson*.

3. Medidas

3.1. Escala de Alexitímia de Toronto (TAS-20).

A Escala de Alexitímia de Toronto (Parker, Taylor, & Bagby, 2003) é um questionário de autorrelato, constituído por 20 itens, que avalia indicadores de alexitímia: dificuldade em identificar sentimentos (fator 1), dificuldade em descrever sentimentos (fator 2) e pensamento exterior (fator 3). Os participantes respondem numa escala de *Likert* de 5 pontos, que varia de 1 (*discordo totalmente*) a 5 (*concordo totalmente*). Estudos de fidelidade apoiam uma consistência interna aceitável: fator 1 = .80, fator 2 = .76, e fator 3 = .71. Os estudos psicométricos da versão portuguesa, conduzida com uma amostra de estudantes, também sugeriram uma consistência interna aceitável: fator 1 = .83, fator 2 = .65, e fator 3 = .60; fidelidade test-retest = .90 (Prazeres, Taylor, & Parker, 2004).

3.2. Breve Inventário de Sintomas – Versão Traço (BSI).

O BSI (Derogatis & Spencer, 1982) é um questionário de autorrelato, constituído por 53 itens, cujo objetivo é avaliar a adaptação emocional. Esta medida avalia nove dimensões psicopatológicas: somatização, depressão, hostilidade, ansiedade fóbica, ansiedade, psicoticismo, obsessões e compulsões, ideação paranoide e sensibilidade interpessoal. Os participantes respondem numa escala de *Likert* de 5 pontos, que varia de 1 (*nunca*) a 5 (*muitíssimas vezes*). A versão original apresentava boas propriedades psicométricas: Alpha de Cronbach variava de .71 (psicoticismo) a .85 (depressão) (Derogatis & Spencer, 1982). Os estudos psicométricos conduzidos com uma amostra comunitária portuguesa de homens e mulheres mostraram que o BSI é uma medida válida da adaptação psicológica: Alpha de Cronbach variava de .62 (psicoticismo) a .80 (somatização); fidelidade teste-reteste variava de .63 (ideação paranoide) a .81 (depressão). A medida discriminava os indivíduos emocionalmente instáveis dos controlos (Canavarro, 1999).

3.3 Escala de Impulsividade de Barratt (BIS-11).

A Escala de Impulsividade de Barratt (Patton, Stanford, & Barratt, 1995) é um questionário de autorrelato, constituído por 30 itens, que avalia a impulsividade. Os participantes respondem utilizando uma escala de *Likert* de 4 pontos que varia de 1 (*nunca/raramente*) a 4 (*quase sempre/sempre*). A escala original contém três subescalas: impulsividade atencional (focar na tarefa em mão); impulsividade motora (agir sobre o impulso do momento); e impulsividade de *não planeamento* (planear e pensar de forma cuidadosa). Estudos psicométricos apoiam a consistência interna: Alpha de Cronbach para a escala original foi .82 numa amostra de estudantes universitários. Estudos psicométricos conduzidos com uma amostra portuguesa de estudantes universitários apoiaram dois fatores: impulsividade motora/planeamento (agir sobre o impulso do momento sem considerar decisões ou planear ações); e impulsividade cognitiva (deficits atencionais, falta de controlo sobre os pensamentos); Alpha de Cronbach foi .80 para a primeira subescala e .75 para a segunda; Fidelidade Teste-reteste foi .78 (Carvalho, 2011).

3.4. Escala de Afeto Positivo / Afeto Negativo (PANAS) – Versão Traço.

O PANAS (Watson, Clark, & Tellegen, 1988) é um questionário de autorrelato, cujo objetivo é avaliar o afeto positivo e negativo, de acordo com um conjunto de 20 adjetivos (e.g., afeto positivo: interessado, excitado, orgulhoso; afeto negativo: perturbado, remorsos, nervoso). Os participantes respondem com aquilo que normalmente sentem, numa escala de

Likert de 5 pontos que varia de 0 (*Muito pouco ou quase nada*) a 5 (*Extremamente*). Os autores reportaram boas propriedades psicométricas: Alpha de Cronbach foi .89 para a subescala de afeto positivo e .85 para a subescala de afeto negativo. O Alpha de Cronbach para a versão portuguesa do PANAS foi .86 para a subescala de afeto positivo e .89 para a subescala de afeto negativo (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005).

3.5. Escala de Comportamento Sexualmente Agressivo (SABS).

A SABS (Anderson, 1996) é uma escala de autorrelato de 26 itens, que mede quantas vezes, ao longo da vida, as mulheres iniciaram contacto sexual através da utilização de uma variedade de estratégias (consistência interna $\alpha=.75$). Foram consideradas três subescalas para o estudo atual: coação sexual avaliando comportamentos que têm como objetivo ter sexo com um homem através da pressão verbal ou psicológica (e.g., “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem pressionando-o com argumentos verbais?”), abuso sexual avaliando a utilização de alguma forma de autoridade (e.g., baseada na diferença de idades) para obter sexo (e.g., “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando a sua posição de poder ou autoridade [patroa, professora, baby-sitter, conselheira ou supervisora]?”), e força física avaliando a utilização de ameaça ou força física para ter sexo (e.g., “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando algum tipo de força física?”) (cf. Quadro 2 para uma descrição dos itens). A agressão sexual global é calculada através do somatório dos resultados obtidos nestas três subescalas. Os resultados são então dicotomizados (0 = *comportamento nunca ocorreu*, 1 = *comportamento já ocorreu pelo menos uma vez*). A consistência interna, tanto da agressão global, como subescalas, obtidas num estudo realizado em Portugal, foram as seguintes: agressão global $\alpha = .70$, coação sexual $\alpha = .71$, abuso sexual $\alpha = .75$, força física $\alpha = .64$ (Carvalho e Nobre, 2015).

3.6. Inventário dos Cinco Fatores NEO (NEO-FFI).

O NEO-FFI (Costa & McCrae, 1989) é uma versão curta do Inventário de Personalidade NEO-Revisto original (NEO-PI-R) (Costa & McCrae, 1992). O NEO-FFI é um questionário de autorrelato, constituído por 60 itens, que avalia cinco domínios da personalidade: neuroticismo (dimensão relacionada com emoções negativas, tendência a experienciar ansiedade e depressão, impulsividade, ou pobres características de *coping*, caracteriza pessoas facilmente incomodadas), extroversão (relacionada com a sociabilidade, proatividade e comportamento assertivo), abertura (relacionada com a abertura a novas experiências e novidades, caracterizando pessoas com interesses variados, criativas e

ousadas), amabilidade (relacionada com bondade e demonstração de confiança, o seu oposto está relacionado com comportamento oposicional e desafiador, rudez e teimosia), conscienciosidade (característica relacionada com o raciocínio moral, capacidade de trabalho, caracterizando indivíduos prudentes, perseverantes, e orientados para objetivos). Os participantes respondem utilizando uma escala de *Likert* de 5 pontos que varia de 0 (*discordo fortemente*) a 4 (*concordo fortemente*). A fidelidade Teste-reteste, para duas semanas, é uniformemente alta, variando de .86 a .90 para as cinco escalas (Robins, Fraley, Roberts, & Trzesniewski, 2001); a consistência interna varia de .68 a .86 (Costa & McCrae, 1992). Para a versão portuguesa do NEO-FFI, os valores dos Alphas de Cronbach foram: conscienciosidade =.81, neuroticismo =.81, extroversão =.75, amabilidade =.72, abertura =.71 (Magalhães et al., 2014).

3.7. Conjunto de Respostas Socialmente Desejáveis (SDRS-5).

Esta medida avalia a tendência do participante em dar respostas socialmente desejáveis (Hays, Hayashy, & Stewart, 1989). A escala contém cinco itens de autorresposta (e.g., “Sou sempre amável mesmo quando as pessoas são desagradáveis”). A consistência interna da versão original foi $\alpha = .68$ e para a versão portuguesa $\alpha = .71$ (Carvalho, 2011). Resultados desta medida foram introduzidos como co-variáveis para controlar o efeito da desejabilidade social nos resultados.

Resultados

1. Dados Descritivos

Os dados descritivos revelaram que 534 (67.3%) mulheres não reportaram uma história de comportamento sexualmente agressivo, enquanto 260 (32.7%) reportaram alguma forma de agressão sexual contra homens. Deste último grupo de mulheres, 72.3% das mulheres relataram comportamentos considerados sexualmente coercivos (e.g., iniciar contacto sexual com um homem ameaçando acabar com a relação, pressão verbal), 46.5% comportamentos considerados como abuso sexual (e.g., iniciar contacto sexual com um menor por um adulto pelo menos 5 anos mais velho que o menor, ao utilizar uma posição de poder/autoridade) e 13.1% relataram o uso de força física (e.g., iniciar contacto sexual ameaçando utilizar algum tipo de força física ou arma) (dados obtidos através da SABS; cf. secção “Medidas”). A distribuição da percentagem de mulheres sexualmente agressivas de acordo com cada item da SABS está representada no Quadro 2.

2. Diferenças entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não sexualmente agressivas

Foram realizadas análises *multivariadas de covariância* (MANCOVAs) para avaliar o efeito da condição grupo (Mulheres Sexualmente Agressivas x Mulheres Não Agressivas) nas variáveis em estudo.

A desejabilidade social foi introduzida como co-variável em todas as análises. Os testes de homogeneidade da variância e covariância (Box *M* e Teste de *Levene*) suportaram a assunção de homogeneidade de todas as variáveis em teste, exceto para as matrizes de covariância alusivas ao PANAS e BSI ($p = .012$, $p = .034$, respetivamente). Ainda assim, e dado o elevado número de participantes, optou-se por manter o Lambda de Wilks como parâmetro de eleição (Meyers, Gamst, & Guarino, 2006).

Os resultados revelaram um efeito principal significativo para a condição grupo (Mulheres Sexualmente Agressivas x Mulheres Não Agressivas) em todas as variáveis. Os resultados foram os seguintes.

Quadro 2

Descrição dos itens da SABS (de acordo com Anderson, 1996) e percentagem de mulheres (sexualmente agressivas) por item.

Itens	% (n)
Coação Sexual	
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando acabar com a vossa relação?	11.9 (31)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem dizendo coisas que no fundo não queria dizer?	48.1 (125)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem pressionando-o com argumentos verbais?	28.5 (74)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem questionando a sua sexualidade (sugerindo que ele poderia ser impotente ou gay)?	15.8 (41)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando magoar-se a si mesma?	3.8 (10)
Abuso Sexual	
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando a sua posição de poder ou autoridade (patroa, professora, <i>baby-sitter</i> , conselheira ou supervisora)?	7.7 (20)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem com 12 a 18 anos de idade e mais novo 5 ou mais anos que você?	15 (39)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem levando-o a embriagar-se ou drogar-se?	6.9 (18)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem tirando partido de uma situação comprometedor onde ele estava (estando ele num sítio onde não pertencia ou quebrando alguma regra)?	30.4 (79)
Força Física	
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando usar algum tipo de força física (puxando-o, agarrando-o, atingindo-o, etc)?	8.8 (23)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando algum tipo de força física?	10.8 (28)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando-o com uma arma?	1.5 (4)

Alexitimia. Após controlar a desabilidade social, Wilks's $\Lambda = .93$, $F(3, 789) = 17.88$, $p = .000$, η^2 parcial = .06, foi encontrado um efeito principal significativo para a condição Grupo: Wilks's $\Lambda = .97$, $F(3, 789) = 7.97$, $p = .000$, η^2 parcial = .02. Após a correção de Bonferroni ($p = .01$), os testes univariados mostraram que mulheres sexualmente agressivas apresentaram significativamente mais dificuldades em identificar sentimentos do que o grupo de mulheres não agressivas (cf. Quadro 3).

Afeto Positivo / Afeto Negativo. Após controlar a desabilidade social, Wilks's $\Lambda = .91$, $F(2, 790) = 36.15$, $p = .000$, η^2 parcial = .08, foi encontrado um efeito principal significativo para a condição Grupo: Wilks's $\Lambda = .98$, $F(2, 790) = 6.56$, $p = .001$, η^2 parcial = .01. Os testes univariados mostraram que as mulheres sexualmente agressivas apresentaram significativamente maior afeto negativo do que o grupo de mulheres não agressivas (cf. Quadro 3).

Personalidade (NEO-FFI). Após controlar a desabilidade social, Wilks's $\Lambda = .72$, $F(5, 787) = 59.34$, $p = .000$, η^2 parcial = .27, foi encontrado um efeito principal significativo para a condição Grupo: Wilks's $\Lambda = .95$, $F(5, 787) = 7.63$, $p = .000$, η^2 parcial = .04. Após a correção de Bonferroni ($p = .01$), os testes univariados mostraram que as mulheres sexualmente agressivas apresentaram valores significativamente maiores de neuroticismo e valores significativamente menores de amabilidade e conscienciosidade, comparativamente ao grupo de mulheres não agressivas (cf. Quadro 3).

Impulsividade. Após controlar a desabilidade social, Wilks's $\Lambda = .93$, $F(2, 790) = 28.35$, $p = .000$, η^2 parcial = .06, foi encontrado igualmente um efeito principal significativo para a condição Grupo: Wilks's $\Lambda = .96$, $F(2, 790) = 15.00$, $p = .000$, η^2 parcial = .03. Os testes univariados mostraram que, comparativamente com o grupo de mulheres não sexualmente agressivas, as mulheres sexualmente agressivas apresentaram valores significativamente maiores de impulsividade motora/planeamento e impulsividade cognitiva (cf. Quadro 3).

Sintomas Psicopatológicos. Após controlar a desabilidade social, Wilks's $\Lambda = .78$, $F(9, 783) = 24.13$, $p = .000$, η^2 parcial = .21, foi encontrado um efeito principal significativo para a condição Grupo: Wilks's $\Lambda = .96$, $F(9, 783) = 3.50$, $p = .000$, η^2 parcial = .03. Após a correção de Bonferroni ($p = .005$), os testes univariados revelaram que, comparativamente com o grupo de mulheres não sexualmente agressivas, as mulheres sexualmente agressivas apresentaram valores significativamente mais elevados de somatização, obsessões e compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, sintomas paranóides, e psicoticismo (cf. Quadro 3).

Quadro 3

Diferenças entre mulheres sexualmente agressivas e mulheres não agressivas (alexitimia, afeto positivo/afeto negativo, personalidade, impulsividade e sintomas psicopatológicos).

	Mulheres Sexualmente Agressivas		Mulheres Não Agressivas		F (1, 792)	p	η²
	M	DP	M	DP			
Alexitimia							
Identificar Sentimentos	18.56	.37	16.32	.26	23.350	.000**	.02
Descrever Sentimentos	14.06	.30	13.20	.21	5.422	.020	.00
Pensamento Exterior	18.19	.26	17.71	.18	2.281	.131	.00
Afeto Positivo/Afeto Negativo							
Afeto Positivo	24.49	.35	24.08	.24	.904	.342	.00
Afeto Negativo	12.88	.42	11.15	.29	10.954	.001*	.01
Personalidade (NEO-FFI)							
Neuroticismo	2.44	.04	2.25	.03	11.531	.001**	.01
Extroversão	2.44	.03	2.40	.02	.576	.448	.00
Abertura	2.53	.03	2.44	.02	4.922	.027	.00
Amabilidade	2.59	.02	2.69	.01	9.062	.003**	.01
Conscienciosidade	2.62	.03	2.77	.02	11.043	.001**	.01
Impulsividade							
Motora / Planeamento	44.46	.47	41.30	.33	29.400	.000*	.03
Cognitiva	17.38	.22	16.57	.15	8.328	.004*	.01
Sintomas Psicopatológicos							
Somatização	13.80	.31	12.53	.21	11.23	.001***	.01
Obsessões e Compulsões	15.33	.26	14.09	.18	15.06	.000***	.01
Sensibilidade Interpessoal	9.75	.21	8.84	.14	12.46	.000***	.01
Depressão	14.73	.30	13.15	.21	17.47	.000***	.02
Ansiedade	13.68	.29	12.41	.20	12.78	.000***	.01
Hostilidade	11.20	.20	9.96	.14	24.50	.000***	.03
Ansiedade Fóbica	9.28	.22	8.43	.15	9.75	.002***	.01
Paranóide	12.51	.24	11.08	.17	23.31	.000***	.02
Psicoticismo	10.82	.22	9.53	.15	21.68	.000***	.02

Nota. * $p < .01$

** $p < .01$; nível de significância baseada na correção de Bonferroni.

*** $p < .005$; nível de significância baseada na correção de Bonferroni.

Discussão

1. Discussão dos Resultados

Perante a lacuna de literatura no que concerne às características associadas à perpetuação de comportamentos sexualmente agressivos por parte das mulheres e a consequente falta de modelos conceituais sobre este fenómeno, especialmente sobre as características psicológicas e de personalidade associadas a estas mulheres, o objetivo deste trabalho recaía sobre o aprofundamento desta linha de investigação e o estudo exploratório das características supramencionadas.

Os resultados revelaram que 32.7% de mulheres reportaram a utilização de estratégias sexualmente agressivas como forma de iniciar interação sexual com alguém do sexo oposto. Deste grupo, 72.3% das mulheres enquadravam-se na categoria de coação sexual, 46.5% na categoria de abuso sexual e 13.1% na categoria de força física.

Estas taxas corroboram os estudos que têm demonstrado a presença crescente do fenómeno de agressão sexual contra homens, cometido por mulheres. Apesar disto, as taxas de prevalência associadas a este acontecimento não são homogêneas, relatando valores variáveis entre os 5% e os 35.8% (Anderson, 1998a; Carvalho & Nobre, 2015; Hines & Saudino, 2003; Krahé & Berger, 2013; Krahé et al., 2003; Larimer et al., 1999), que podem depender de vários fatores.

Um dos fatores com possível influência consiste no método e procedimento utilizado para medir este fenómeno (Carvalho & Nobre, 2015), especificamente, a medida utilizada. A título de exemplo, Larimer e colaboradores (1999) obtiveram uma taxa de prevalência de 5% de mulheres a reportar alguma forma de agressão sexual, utilizando o SES adaptado (Koss & Oros, 1982); Krahé e colaboradores (2003), utilizando o *The Women's Sexual Aggression Survey* (baseado no SES) (Koss & Oros, 1982), obtiveram uma taxa de 10%; Hines e Saudino (2003), com a Escala de Táticas de Conflito-Revista (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996), uma taxa de 13.5%; Carvalho e Nobre (2015) obtiveram 35.8% de mulheres a reportar alguma forma de agressão sexual, utilizando a SABS (Anderson, 1996). As diferentes medidas incorporam características variadas (i.e., diferente formulação das questões, diferente conceitualização da agressão sexual), o que pode conduzir a resultados heterogêneos, nomeadamente, uma possível percentagem mais elevada

de respostas afirmativas quando as questões são menos específicas e não remetem a atos consumados, mas sim a tentativas, por exemplo, como acontece com a SABS.

A taxa de prevalência obtida neste estudo assemelha-se àquela obtida no estudo de Carvalho e Nobre (2015), respetivamente, 32.7% e 35.8%, tendo-se recorrido à mesma medida em ambos os estudos (i.e., SABS). Esta semelhança de percentagens obtida com amostras diferentes, porém ambas recolhidas em universidades portuguesas, reforça a elevada percentagem de mulheres portuguesas estudantes universitárias que admitem terem alguma vez recorrido a táticas agressivas para obterem algum tipo de contacto sexual com alguém do sexo oposto.

Outra questão que pode exercer algum tipo de influência nos resultados obtidos consiste no país em que é realizado o estudo, mais especificamente o meio cultural envolvente das participantes. O facto de este estudo, tal como o de Carvalho e Nobre (2015), ter sido realizado num país europeu, contrariamente à vasta maioria das investigações realizados nesta área, que decorrem nos EUA, revela que a agressão sexual por parte de mulheres pode efetivamente ser um fenómeno transcultural, comum a várias culturas ocidentais, tal como já preconizado no estudo referido de Carvalho e Nobre.

Adicionalmente, algo que já foi referido brevemente consiste no facto de os comportamentos sexuais referidos nos vários estudos de investigação não se referirem todos ao mesmo reportório de comportamentos, apesar de serem concetualizados sobre títulos semelhantes (e.g., agressão sexual feminina) (Carvalho & Nobre, 2015). Este fenómeno pode levar a diferentes taxas de prevalência quando os próprios investigadores, em diferentes estudos, incluem sob o mesmo título comportamentos distintos (e.g., *coação sexual* como incluindo “carícias, beijos ou relações sexuais” vs. *coação sexual* como sendo apenas “relações sexuais”). Neste sentido, é provável que a prevalência de coação sexual num estudo que concetualize o conceito como incluindo “carícias, beijos ou relações sexuais” seja maior do que num estudo que o concetualize apenas como incluindo “relações sexuais”. Isto porque no primeiro caso existe uma maior gama de comportamentos aos quais as pessoas podem responder afirmativamente, que são, no entanto, todas consideradas como “coação sexual”.

Neste seguimento, a elevada taxa de prevalência obtida neste estudo pode dever-se ao facto de as mulheres não estarem a interpretar os comportamentos referidos nas questões da SABS como agressivos, mas antes como normativos e até desejados pelo sexo oposto. Isto é, pode estar presente a perceção social de que os homens gostam dos avanços por parte

das mulheres, percecionando-os, no pior dos casos, como inofensivos (Clements-Schreiber et al., 1998), pois “os homens estão sempre prontos para sexo” (D’abreu et al., 2013).

Além disso, é possível que as mulheres mantenham a ideia de que não é possível explorar sexualmente um homem, ou porque acreditam que os homens não funcionam sexualmente a não ser que estejam sexualmente excitados, sendo uma ereção percecionada como consentimento (Smith et al., 1988), ou porque acreditam que este comportamento consiste na subjugação física de outra pessoa, e que não é possível subjugar um homem, pois este é capaz de se defender perante uma mulher, que é fisicamente mais fraca. As mulheres podem, por esta razão, considerar o seu comportamento como menos grave (comparado com o mesmo, mas perpetrado por um homem) ou até não considerar, de todo, o seu comportamento como incorreto ou inadequado (Oswald & Russell, 2006).

Tal como observado em estudos anteriores (e.g., Anderson & Aymami, 1993; Hines, 2007), a estratégia predominantemente utilizada pelas mulheres neste estudo foi a estratégia verbal (72.3%) e a menos relatada foi a utilização de força física (13.1%). A coação verbal é uma estratégia que não envolve contacto físico entre os participantes, o que permite disfarçar estes comportamentos de práticas não agressivas, não criminais e até socialmente aceitáveis (Carvalho & Nobre, 2015) e, consequentemente, preferidos pelos seus utilizadores.

Outra possível razão para a preferência das táticas *hands-off* reside na realidade das diferenças físicas entre homens e mulheres e consequente dificuldade na subjugação física dos primeiros (O’Sullivan et al., 1998). Inclusivamente, indo ao encontro desta dificuldade, mas contrariando a primeira ideia apresentada de que a coação verbal é mais aceitável do que a força física, Oswald e Russell (2006) concluíram que a mulher era avaliada como mais agressiva quando utilizava estratégias verbais, contrariamente a força física.

O facto de as estratégias verbais serem vistas como mais eficazes do que as físicas, e até como não reprováveis, pode levar a que as mulheres adotem cada vez mais este tipo de táticas para obter contacto sexual por parte de um parceiro relutante.

Relativamente aos preditores não psicológicos da agressão sexual feminina, um bastante citado na literatura consiste no abuso sexual na infância (Anderson, 1996; Carvalho & Nobre, 2015; Russell & Oswald, 2001; Schatzel-Murphy et al., 2009). Contrariamente, os resultados deste estudo não revelaram um valor significativamente mais elevado de vitimização sexual passada no grupo de mulheres sexualmente agressivas ($X^2(1) = .058, p = .810$). Apesar de a literatura nos mostrar que, entre outros, o fenómeno em estudo também pode ser influenciado positivamente por níveis elevados de atividade sexual/parceiros

sexuais (Krahé et al., 2003) e uma idade precoce aquando da primeira relação sexual (Anderson & Newton, 2004), neste estudo não foram observadas diferenças significativas entre os grupos ao nível da idade da primeira relação sexual ($t(738) = -.964, p = .336$), do número de parceiros ($X^2(3) = 1.631, p = .652$), nem da frequência de atividade sexual ($X^2(5) = 5.869, p = .319$).

É importante estabelecer perfis de características psicológicas e de personalidade associadas a mulheres perpetradoras de comportamentos sexualmente agressivos, pois crê-se que os traços da personalidade estão associados à etiologia e manutenção de comportamentos sexualmente violentos. Contudo, as conclusões sobre este tema são, maioritariamente, baseadas em estudos realizados com sujeitos masculinos, havendo falta de modelos conceituais sobre estas formas de interação sexualmente agressivas por mulheres. É igualmente importante conhecermos as características psicológicas associadas a estas mulheres como forma de desenvolver estratégias preventivas/terapêuticas direcionadas para lidar com esta preocupação social (Carvalho & Nobre, 2015).

Neste estudo, dados sobre a personalidade mostraram que estas mulheres apresentaram valores significativamente maiores de neuroticismo e valores significativamente menores de amabilidade e conscienciosidade, comparativamente ao outro grupo. Para além de elevados níveis de neuroticismo, associados a baixa amabilidade e conscienciosidade, terem sido relacionados com vários fenómenos agressivos, desde elevados níveis de agressão e hostilidade (Grumm & von Collani, 2009; Hines & Saudino, 2008; Miller, Lynam, & Jones, 2008; Miller, Lynam, & Leukefeld, 2003), a vandalismo e roubo (Heaven, 1996), estes resultados vão ainda, parcialmente, ao encontro dos modelos conceituais existentes sobre a personalidade em agressores sexuais masculinos, obtidos através de amostras comunitárias. Nomeadamente, Becerra-Garcíaa, García-Leóna, Muela-Martíneza e Eganb (2013) encontraram que os ofensores tinham maiores níveis de neuroticismo e menores níveis de extroversão; e Voller e Long (2010) encontraram níveis mais baixos de amabilidade, extroversão, conscienciosidade e abertura, quando comparado com um grupo controlo.

Muitas das características psicopatológicas formalmente reconhecidas como fatores de risco dinâmicos para a agressão sexual estão abrangidas na dimensão do neuroticismo, nomeadamente, predisposição para a ansiedade, estados depressivos, tédio, instabilidade emocional, hostilidade, impulsividade, pobres capacidades de *coping* (Carvalho & Nobre, 2013).

Relativamente à amabilidade, Smith, Nezlek, Webster e Paddock (2007) afirmam que esta desempenha um papel fundamental na vida sexual das pessoas, uma vez que é provável que pessoas mais amáveis estejam ansiosas por satisfazer os seus parceiros, possibilitando-lhes maior prazer e intimidade, levando a que os parceiros fiquem igualmente satisfeitos com eles. Ao ser um “preditor de relações próximas” (Donnellan, Conger, & Bryant, 2004) e de tendências interpessoais, tais como altruísmo, compaixão e confiança (Costa & McCrae, 1992) faz sentido que pessoas sexualmente agressivas apresentem níveis mais baixos de amabilidade do que os seus pares não agressivos, não procurando satisfazer o parceiro sexualmente, mas sim as próprias necessidades.

Dentro das características englobadas na dimensão da conscienciosidade, podemos referir-nos à competência, ordem, prudência, autocontrolo, deliberação (Costa & McCrae, 1992) e observar que todas implicam um determinado grau de planeamento da ação e ponderação de consequências, algo que aparentemente está ausente nas mulheres sexualmente agressivas, que parecem agir de uma forma mais impulsiva.

Não foram encontradas diferenças significativas entre o grupo agressor e não agressor em termos de extroversão e abertura à experiência.

A análise dos dados permitiu ainda concluir que o grupo de mulheres sexualmente agressivas apresentou significativamente mais sintomas psicopatológicos subjacentes, comparativamente ao grupo controlo, nomeadamente, maiores níveis de somatização, obsessões/compulsões, depressão, sensibilidade interpessoal, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, sintomas paranoides e psicoticismo. Dentro destas características, é a hostilidade que apresenta o maior tamanho do efeito ($\eta^2 = .03$), tendo maior influência no comportamento sexualmente agressivo que os restantes sintomas.

O polo oposto do neuroticismo é a estabilidade emocional (Costa & McCrae, 1985), sendo que o grupo em estudo apresentou valores mais elevados de neuroticismo e, consequentemente, valores mais baixos de estabilidade emocional. Este facto pode explicar a presença, neste grupo, de significativamente mais sintomas psicopatológicos do que o grupo de mulheres sexualmente não agressivas, uma vez que estes são indicadores de baixo ajustamento emocional.

Resultados similares foram revelados no estudo de Carvalho e Nobre (2013), onde ofensores sexuais masculinos (amostra comunitária de estudantes) revelaram características psicopatológicas marcadas, tais como depressão, ansiedade, ansiedade fóbica, psicoticismo e obsessões/compulsões. O facto de os estudantes sexualmente agressivos, na investigação destes autores, não revelarem níveis significativos de neuroticismo, pode auxiliar na

explicação para o menor número de características psicopatológicas encontradas na sua amostra de agressores sexuais, especialmente a ausência de hostilidade, característica que constitui um dos traços do neuroticismo.

Blackburn, Renwick, Donnelly e Logan (2004) apresentam uma proposta que afirma que níveis mais elevados de neuroticismo e mais baixos de amabilidade e conscienciosidade são os domínios do *Five Factor Model* (Costa & McCrae, 1985) mais relacionados com os dois fatores de maior ordem da personalidade antissocial (i.e., impulsividade e retraimento). Nesta linha de raciocínio, o grupo de mulheres agressivas, na análise atual, apresentou significativamente mais impulsividade motora/planeamento (relacionada com agir no auge do momento, sem ponderar decisões ou planejar ações) e impulsividade cognitiva (relacionada com défices de atenção e falta de controlo sobre os pensamentos), do que o grupo controlo, tendo a impulsividade e regulação comportamental sido consistentemente considerados fatores de risco dinâmicos relevantes para que sujeitos ofendam sexualmente (Craig, Thorton, Beech, & Browne, 2007). A impulsividade motora/planeamento mostrou ter um maior efeito ($\eta^2 = .03$) sobre o comportamento sexualmente agressivo do que a impulsividade cognitiva. No estudo de Carvalho e Nobre (2012) verificaram-se resultados similares com um grupo de agressores estudantes masculinos, que apresentaram também traços marcados de impulsividade motora/planeamento e cognitiva.

Perante estímulos, indivíduos impulsivos apresentam respostas rápidas e desinibidas, sendo incapazes de refletir sobre as consequências das suas ações (Sims, 1988). A falta de ponderação sobre as consequências do comportamento sexualmente agressivo poderá estar relacionada com a baixa amabilidade referida acima, em que as mulheres procuram apenas gratificação imediata, agindo sobre o impulso e vontade sexual do momento e não com o objetivo de trazer prazer e bem-estar ao parceiro sexual. Estes comportamentos impulsivos podem também estar em estrita ligação com a baixa conscienciosidade observada nestas mulheres, uma vez que esta dimensão da personalidade (quando presente) engloba um sentido de controlo, tal como uma necessidade de se ser bem-sucedido, de planeamento e de organização (Costa & McCrae, 1992), características que não se coadunam com um comportamento marcadamente impulsivo.

Em acréscimo, estados de afeto negativo, tais como ansiedade e depressão têm, ao lado da impulsividade, sido consistentemente associados à vulnerabilidade para agredir sexualmente (Carvalho & Nobre, 2012; Proulx, Pellerin, McKibben, Aubut, & Quimet, 1999). Observou-se neste estudo que mulheres que relataram cometer alguma forma de agressão sexual apresentaram significativamente maior afeto negativo do que o grupo de

mulheres não agressivas. Estes resultados vão ao encontro dos modelos conceituais masculinos existentes de ofensas sexuais, que apoiam a relação entre o humor e a violência sexual, de que nos servimos de exemplo um estudo conduzido por Voller e Long (2010), em que estudantes universitários masculinos perpetradores de violação apresentaram níveis significativamente mais baixos de emoções positivas.

Apesar de o afeto positivo (AP) e afeto negativo (AN) corresponderem a dimensões estado de afeto, Tellegen (1985) demonstrou que podem corresponder também a diferenças individuais em termos de reatividade emocional positiva e negativa (i.e, dimensões traço de afeto), tendo sido esta a vertente utilizada no estudo atual. É, desta forma, possível fazer uma associação entre as dimensões traço do afeto e os fatores de personalidade dominantes, no sentido em que o AP corresponde a extroversão e o AN a neuroticismo (Watson et al., 1988). Assim, tendo em conta a relação entre AN e neuroticismo e os valores elevados desta última dimensão no grupo de mulheres sexualmente agressivas, é plausível a presença superior de AN nestas mulheres. Observa-se, então, um perfil feminino sexualmente agressivo caracterizado por níveis mais elevados de AN e mais baixos de AP, revelando um nível estável (a nível do traço) de falta de ajustamento emocional.

Por fim, o grupo de mulheres em estudo, relativamente à alexitimia, apresentou significativamente mais dificuldades em identificar sentimentos do que o grupo de mulheres não agressivas, não revelando diferenças significativas ao nível da descrição de sentimentos e da existência de pensamento exterior. Alexitimia está relacionada com défices no processamento emocional/afetivo e na regulação do mesmo (Reid, Carpenter, Spackman, & Willes, 2008). Indivíduos com sintomas de alexitimia podem sentir que conseguem uma melhor regulação afetiva (e.g., evitar dor emocional ou reduzir tensão) através de comportamentos de risco (Roedema & Simons, 1999), como, por exemplo, saltos de paraquedas como forma de reduzir sensações de ansiedade (Woodman, Cazenave, & Le Scanff, 2008), utilização de álcool para lidar com *distress* (Stewart, Zvolensky, & Eifert, 2002), comportamento sexual exagerado (hipersexual) como forma de redução de stresse (Reid et al., 2008). As mulheres deste estudo poderão estar a utilizar o comportamento sexualmente agressivo com o mesmo fim, ou seja, como forma de regulação do processamento emocional/afetivo, ainda que este mecanismo de *coping* seja desajustado.

Focando, especificamente, a dificuldade a nível da identificação de sentimentos, esta poderá estar relacionada com a impulsividade cognitiva também presente nestas mulheres, no sentido em que existe uma certa falta de controlo sobre os pensamentos, que pode levar à dificuldade no processamento das emoções. Estas dificuldades podem também levar a um tremendo impacto na esfera relacional,

nomeadamente a nível das relações conjugais, possivelmente levando a uma cadeia de relações causais e cíclicas - as dificuldades ao nível do processamento emocional levam a dificuldades nas relações, que, por sua vez, levam a uma perceção de inadequação e falta de capacidades de *coping*, sendo utilizado o comportamento sexualmente agressivo como compensação, conduzindo este a mais dificuldades a nível das relações.

2. Limitações do Estudo e Sugestões de Futura Investigação

Convém reconhecer que o presente estudo apresenta algumas limitações. Os estudos *online* têm várias vantagens, nomeadamente a nível da redução da desejabilidade social, entre outras (e.g., maior facilidade em chegar a um número mais vasto de participantes; maior acessibilidade de divulgação e num espaço de tempo curto; possibilidade de os sujeitos completarem o questionário num ambiente confortável, privado e numa altura de maior conveniência). Todavia, também apresentam algumas desvantagens, como o facto de condicionar a recolha de dados, dificultando a participação de pessoas com difícil, ou nenhum, acesso à internet (apesar de atualmente ser pouco provável que um estudante universitário não tenha acesso à mesma); pessoas que não acessem à internet não podiam participar, tendo probabilidade de inclusão no estudo nula. Para além de se ter divulgado o estudo em várias plataformas *online* (e.g., redes de contactos eletrónicos, redes sociais, blogues), foram feitas tentativas de ultrapassar, parcialmente, a limitação referida (i.e., no caso de pessoas acessem poucas vezes à internet, aumentar a divulgação do estudo, de forma a que as pessoas acessem à mesma com o propósito de participar), através da partilha *boca-a-boca* de que o estudo se encontrava ativo *online*.

Outra possível limitação consiste no facto de as participantes, aquando do preenchimento do questionário, receberem um alerta quando um item ficava em branco que as impossibilitava de prosseguir. Apesar de se reconhecer que isto poderá ter levado a uma amostra enviesada, esta medida foi tomada com o objetivo de aumentar a probabilidade de obter participantes realmente envolvidas no estudo.

Para além disso, o facto de o processo de amostragem ter sido por conveniência, mais especificamente, o facto de o estudo ter sido realizado com estudantes universitárias, impossibilita a generalização dos resultados para a população de mulheres portuguesas no geral e para outras amostras (e.g., amostras forenses de ofensoras sexuais femininas), uma vez que as estudantes universitárias constituem uma população particular a viver num

contexto social específico. Por outro lado, utilizar estudantes universitárias como o foco desta investigação, tendo em conta a temática presente, pode ser considerado uma amostra apropriada e uma mais-valia para a população, uma vez que o contexto universitário é caracterizado pela procura e incentivo da atividade sexual e onde, segundo Oswald & Russell (2006), um certo nível de coação sexual é considerado normal em relações de namoro universitárias heterossexuais.

Outra razão que impossibilita a generalização dos resultados foi a utilização de uma amostra constituída somente por mulheres autoidentificadas como heterossexuais (por se pretender observar os seus comportamentos sexualmente agressivos para com o sexo oposto); isto impossibilita a generalização para a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Este é um limite previsto *à priori* tendo em consideração que o enquadramento concetual e o desenho do estudo foram desenvolvidos com base na população heterossexual. Adicionalmente, o questionário sociodemográfico não incluía qualquer questão relativa à transexualidade, podendo este facto ser considerado como mais uma limitação à investigação atual, pois qualquer participante nascido com o sexo masculino, mas que se autoidentifique atualmente com o sexo feminino, poderia ter respondido ao questionário. Em pesquisas futuras, poder-se-iam ter em consideração estas limitações, incluindo a população LGBT no foco das investigações, como forma de estudar se os perfis de características psicológicas e de personalidade são semelhantes em mulheres que cometem atos sexuais contra alguém do sexo oposto e contra o mesmo sexo, e se a transexualidade tem influência sobre estes modelos concetuais.

Além do referido, uma vez que desistiram mais de dois terços das potenciais participantes, é possível que os dados sobre as taxas de prevalência não sejam representativos da população geral de mulheres universitárias heterossexuais. Esta elevada taxa de desistências pode ter-se devido à longa duração de preenchimento do questionário total (aproximadamente, 30 minutos) e/ou à sua natureza intimista. Apesar disto, daquilo que é do nosso conhecimento, até à data, não existem investigações sobre os modelos concetuais psicológicos e de personalidade em amostras comunitárias com mulheres, pelo que os resultados deste estudo têm uma natureza preliminar, sendo essencial haver investigação futura nesta área, de forma a reforçar e fomentar as conclusões obtidas. Embora tenham havido diferenças significativas, segundo as indicações de Cohen (1988), a magnitude dos efeitos foi baixa (o maior tamanho do efeito encontrado foi $\eta^2=0.03$). Isto aconteceu, provavelmente, porque houve uma comparação de resultados entre duas amostras, ambas da comunidade, onde não são espectáveis valores clinicamente relevantes em nenhum dos

grupos. Ainda, este estudo tem uma natureza correlacional, pelo que não pode ser inferido qualquer tipo de mecanismo causa-efeito a partir das variáveis estudadas e qualquer interpretação neste sentido deve ser feita com grande precaução.

Outra limitação provável consiste na utilização de medidas de autorrelato, onde existe, entre outras, a possibilidade de viés na interpretação das questões e na resposta às mesmas, devido, por exemplo, à desejabilidade social. Fazendo referência às questões colocadas às participantes, podemos aqui falar também em algumas limitações. Em primeiro lugar, os itens do questionário faziam referência unicamente a tentativas de contacto sexual, não sendo possível saber se a atividade sexual foi efetivamente consumada. Os itens também não separam claramente as atividades sexuais consensuais das não consensuais, pelo que pode ser possível que alguns dos comportamentos indicados tenham ocorrido no contexto de uma relação sexual consensual, onde algum grau de força foi utilizado. Em adição, as mulheres não eram questionadas diretamente sobre se consideravam terem cometido ofensas sexuais e não existem dados que nos informem sobre a avaliação dos homens recetores relativamente ao comportamento citado como sendo agressivo/não consensual ou agressivo/consensual. Outra informação à qual não temos acesso através da utilização da SABS, é a forma do ato violento experimentado pelas mulheres que constituem o grupo sexualmente agressivo, ou seja, não sabemos se as participantes se estão a referir à tentativa de, por exemplo, obter um beijo por parte de um homem, ou se estão a fazer referência a tentativas de obter relações sexuais propriamente ditas. Isto acontece porque os itens do questionário referem-se a “contacto sexual”, que engloba, na definição utilizada, carícias, beijos ou relações sexuais. Em acréscimo, apesar de se ter calculado a percentagem de mulheres que afirmavam terem cometido determinado tipo de comportamento considerado sexualmente agressivo (i.e., coação sexual, abuso sexual, força física), não foi realizado outro tipo de análise a este nível, pelo que os perfis preliminares obtidos dizem respeito ao grupo de mulheres sexualmente agressivas no geral. Devido a esta variabilidade de comportamentos, não se podem generalizar os resultados a formas específicas de ofender sexualmente, nem a formas específicas de interação com o sexo oposto.

Algumas destas limitações seriam ultrapassadas num estudo que não tivesse somente um carácter quantitativo (como é o caso do atual), mas sim uma metodologia mista, que abrangesse tanto dados quantitativos, como qualitativos, permitindo a recolha de mais informações e uma análise mais rica das mesmas. Para além disto, estudos futuros deveriam reconhecer estas falhas e utilizar medidas mais compreensivas sobre a agressão sexual. Tomando em consideração estas reformulações, apresentam-se, de seguida, algumas

sugestões cujo objetivo seria expandir o conhecimento sobre os comportamentos sexualmente agressivos cometidos por mulheres. Isto poderia ser feito, por exemplo, através de uma comparação do perfil psicológico de mulheres que relatam tentativas de agressão sexual e atos efetivamente consumados; através da compreensão das variáveis contextuais envolvidas do comportamento agressivo (e.g., relação com o perpetrador, história partilhada de atividade sexual consensual e não-consensual, local do incidente, utilização de droga e/ou álcool); e através da compreensão da avaliação que as perpetradoras fazem sobre o seu próprio comportamento sexualmente agressivo e da interpretação que os homens recetores dão (para isto, seria interessante a condução de um estudo sobre casais, com metodologia mista, como forma de perceber “os dois lados da mesma moeda”, ou seja, a avaliação da mulher agressora e do homem recetor sobre exatamente o mesmo comportamento). Além disso, esta ampliação de conhecimentos também poderia ser conseguida a partir da compreensão das razões subjacentes aos comportamentos sexualmente agressivos por mulheres; e através da obtenção de perfis psicológicos e de personalidade associados a formas específicas de ofender sexualmente (e.g., carícias, beijos, relações sexuais) e de interagir com o sexo oposto (i.e., coação sexual, abuso sexual, força física). Também seria útil alargar os resultados aqui obtidos a outras populações, como mulheres menos escolarizadas, ou fazendo, por exemplo, a comparação entre ofensoras sexuais detidas e estudantes universitárias, pois poderão existir semelhanças entre os grupos que levem a predições sobre a probabilidade de agredir sexualmente.

Conclusão

O presente estudo tinha como objetivo colaborar na caracterização do fenómeno de agressão sexual de mulheres para com o sexo oposto, contribuindo para a formação de modelos conceituais sobre as características psicológicas e de personalidade associadas. Uma vez que, até à data, não surgiram referências na literatura sobre questões de psicopatologia/personalidade em mulheres sexualmente agressivas, este fenómeno carece de enquadramento teórico que permita estabelecer hipóteses, tendo-se optado por associar os fatores de ordem psicopatológica à violência sexual perpetrada por homens. De ressaltar que em literatura alguma se reconheceu que as características psicopatológicas associadas a mulheres sexualmente agressivas se encontram relacionadas com as características psicopatológicas dos homens.

O estudo mostra que algumas mulheres tentam obter contacto sexual com alguém do sexo oposto através da utilização de estratégias sexualmente agressivas variadas, nomeadamente, coação sexual, abuso sexual e força física. Para além disso, estes resultados contribuem para a formação de uma imagem mais diferenciada sobre a prevalência da agressão sexual em amostras comunitárias de estudantes universitários. O estudo revela ainda que associadas a estas mulheres estão características psicopatológicas de somatização, obsessões e compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, sintomas paranóides e psicoticismo; uma personalidade pautada por maiores níveis de neuroticismo e menores de amabilidade e conscienciosidade; maiores níveis de impulsividade motora/planeamento e impulsividade cognitiva; mais afeto negativo; e, por fim, maiores dificuldades na identificação de sentimentos, quando comparadas com o grupo de mulheres que afirmam nunca terem tido comportamentos sexualmente agressivos para com alguém do sexo oposto. É necessária a condução de futura investigação sobre a complexidade da coação sexual feminina antes de se poder propor uma teoria completa e unificada.

A investigação nesta área revela-se essencial numa altura em que o comportamento sexual das mulheres, previamente implícito, se começa a convergir no sentido do comportamento sexual, normativamente explícito, dos homens. Isto é, cada vez mais as mulheres não têm pudor de se exprimirem sexualmente e de se “arriscarem” naquilo que desejam realmente obter e fazer, ao invés de desempenharem o papel de parceiras sexuais passivas, começando a entrar inclusive, por exemplo, em jogos tipicamente masculinos de

competição sobre o número de parceiros que são capazes de obter. Isto pode ser perigoso se pensarmos que as mulheres estão a adotar cada vez mais comportamentos sexualmente agressivos, mantendo, simultaneamente, a ideia de que os homens apreciam estes comportamentos e não sofrem consequências dos mesmos. Contudo, a verdade é que o emprego por parte de mulheres deste tipo de comportamentos para promoverem um encontro sexual com um homem relutante, pode ter consequências, tanto para os homens como para as mulheres (Clements-Schreiber et al., 1998).

Neste sentido, tal como referido inicialmente, torna-se importante estabelecer perfis de características psicológicas e de personalidade associadas a mulheres com comportamentos sexualmente violentos, pois permitirá, por um lado, compreender a etiologia e os fatores de manutenção subjacentes aos mesmos e, por outro, o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção direcionadas ao combate desta preocupação social (Carvalho & Nobre, 2015). Em acréscimo, a investigação e proliferação deste tema permitirá informar e educar a sociedade para a existência deste fenómeno e, desejavelmente, contribuir para a redução, não só da agressão sexual masculina, mas da agressão sexual no geral. Isto é, instruir sobre os comportamentos que podem ser considerados como sexualmente agressivos, permitirá uma maior consciencialização dos próprios comportamentos, do tipo de relação em que se está inserido e dos recursos que se tem disponíveis. Não reconhecer uma pessoa como vítima pode interferir com a sua procura por ajuda ou tratamento, ou resultar na sua permanência numa relação não saudável, e não identificar uma pessoa como coerciva quando ele/ela utiliza ameaças verbais, intoxicação propositada, ou força física para obter relações sexuais, pode impedir intervenções apropriadas e resultar no envolvimento continuado da pessoa nestes comportamentos (Oswald & Russell, 2006).

Referências Bibliográficas

- Anderson, P. B. (1996). Correlates with college women's self-reports of initiating heterosexual contact. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 8(2).
- Anderson, P. B. (1998a). Variations in college women's self-reported heterosexual aggression. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 10(4), 283-92.
- Anderson, P. B. (1998b). Women's motives for sexual initiation and aggression. In P. B. Anderson, & C. Struckman-Johnson (Eds.), *Sexually Aggressive Women*, (pp. 79–93). New York: Guilford Press.
- Anderson, P. B., & Aymami, R. (1993). Reports of female initiation of sexual contact: Male and female differences. *Archives of Sexual Behaviour*, 22(4), 335-343.
- Anderson, P. B., & Newton, M. (2004). Predicting the use of sexual initiation tactics in a sample of college women. *Electronic Journal of Human Sexuality*, 7. Retirado de <http://www.ejhs.org/volume7/Anderson/text.html>
- Anderson, P. B., & Sorensen, W. (1999). Male and female differences in reports of women's heterosexual initiation and aggression. *Archives of Sexual Behaviour*, 28(3), 243-253.
- Baer, J. S., Stacy, A., & Larimer, M. E. (1991). Biases in the perception of drinking norms among college students. *Journal of Studies on Alcohol*, 52, 580-586.
- Becerra-Garcíaa, J. A., García-Leóna, A., Muela-Martíneza, J. A., & Eganb, V. (2013) A controlled study of the Big Five personality dimensions in sex offenders, non-sex offenders and non-offenders: relationship with offending behaviour and childhood abuse. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 24(2), 233-246.
- Blackburn, R., Renwick, S., Donnelly, J.P., & Logan, C. (2004). Big Five or Big Two? Superordinate factors in the NEO five factor inventory and the antisocial personality questionnaire. *Personality and Individual Differences*, 37, 957–970.
- Bridgeland, W. M., Duane, E. A., & Stewart, C. S. (1995). Sexual victimization among undergraduates. *College Student Journal*, 29, 16-25.

- Busby, D. M., & Compton, S. V. (1997). Patterns of sexual coercion in adult heterosexual relationships: An exploration of male victimization. *Family Process*, 36(1), 81-94.
- Byers, E. (1996). How well does the traditional sexual script explain sexual coercion? Review of a program of research. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 8(1/2), 7-25.
- Calderwood, D. (1987). The male rape victim. *Medical Aspects of Human Sexuality*, 53-55.
- Canavarro, M. C. (1999). *Affective relationships and mental health: A lifelong approach*. Quarteto, Portugal: Coimbra.
- Carvalho, J. (2011). *Fatores de Vulnerabilidade para a Agressão Sexual*. Manuscrito não publicado, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2012) Dynamic factors of Sexual aggression. The role of affect and impulsiveness. *Criminal Justice and Behaviour*, 40(4), 376-387.
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2103) Five-Factor Model of Personality and Sexual Aggressor. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 1-18.
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2015). Psychosexual characteristics of women reporting sexual aggression against men. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-17. doi:10.1177/0886260515579504
- Clements-Schreiber, M. E., Rempel, J. K., & Desmarais, S. (1998). Women's Sexual Pressure Tactics and Adherence to Related Attitudes: A Step Toward Prediction. *Journal Of Sex Research*, 35(2), 197-205.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1985). The NEO Personality Inventory. *Odessa, FL: Psychological Assessment Resources*.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1989). The NEO-PI/NEO-FFI manual supplement. *Odessa, FL: Psychological Assessment Resources*.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI). *Odessa, FL: Psychological Assessment Resources*.

- Craig, L. A., Thornton, D., Beech, A., & Browne, K. D. (2007). The relationship of statistical and psychological risk markers to sexual reconviction in child molesters. *Criminal Justice and Behavior*, 34, 314-329.
- Craig Shea, M. (1998). When the tables are turned: Verbal sexual coercion among college women. In P. B. Anderson & C. Struckman Johnson (Eds.), *Sexually Aggressive Women*, 96–104. New York: Guilford Press.
- D'Abreu, L. F., Krahé, B., & Bazon, M. R. (2013). Sexual aggression among Brazilian college students: prevalence of victimization and perpetration in men and women. *Journal Of Sex Research*, 50(8), 795-807. doi:10.1080/00224499.2012.702799
- Derogatis, L. R., & Spencer, P. M. (1982). The Brief Symptom Inventory (BSI): Administration, Scoring and Procedures Manual–I. *Baltimore, MD: Clinical Psychometric Research*.
- Donnellan, M. B., Conger, R. D., & Bryant, C. M. (2004). The Big Five and enduring marriages. *Journal of Research in Personality*, 38, 481-504.
- Fiebert, M. S., & Tucci, L. M. (1998). Sexual coercion: men victimized by women. *Journal of Men's Studies*, 6(2), 127-133.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão Portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II - Estudo psicométrico. *Análise Psicológica*, 2(XXIII), 219–227.
- Grumm, M., & von Collani, G. (2009). Personality types and self-reported aggressiveness. *Personality and Individual Differences*, 47, 845–850. Retirado de http://www.academia.edu/5008355/Personality_types_and_self-reported_aggressiveness
- Hammock, G. S. & Richardson, D. R. (1993). Blaming drunk victims: Is it just world or sex role violation? *Journal of Applied Social Psychology*, 23(1), 574-586.
- Hannon, R., Hall, D., Nash, H., Formati, J., & Hopson, T. (2000). Judgments regarding sexual aggression as a function of sex of aggressor and victim. *Sex Roles*, 43, 311-322.
- Hannon, R., Kuntz, T., Van Laar, S., Williams, J., & Hall, D. S. (1996). College students' judgments regarding sexual aggression during a date. *Sex Roles*, 35(11/12), 765-780.

- Hays, R. D., Hayashy, T., & Stewart, A. L. (1989). A five-item measure of socially desirable response set. *Educational and Psychological Measurement*, 49, 629-636.
- Heaven, P. C. (1996). Personality and self-reported delinquency: Analysis of the 'Big Five' personality dimensions. *Personality and Individual Differences*, 20, 47-54.
- Hines, D. A. (2007). Predictors of sexual coercion against women and men: A multilevel, multinational study of university students. *Archives of Sexual Behavior*, 36, 403-422.
- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2003). Gender differences in psychological, physical, and sexual aggression among college students using the revised conflict tactics scales. *Violence and Victims*, 18(2), 197-217.
- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2008). Personality and intimate partner aggression in dating relationships: The role of the 'Big Five'. *Aggressive Behaviour*, 34, 593-604.
- Johnson, C. B., Stockdale, M. S., & Saal, F. E. (1991). Persistence of men's misperceptions of friendly cues across a variety of interpersonal encounters. *Psychology of Women Quarterly*, 15, 463-475.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1948). Sexual behavior in the human male. In: *Voices From the Past. American Journal of Public Health* (2003), 93(6), 894-898, retirado de <https://pt.scribd.com/doc/102421498/Alfred-Kinsey-Sexual-Behavior-in-the-human-male>
- Koss, M. P., & Oros, C. J. (1982). Sexual experiences survey: A research instrument investigating sexual aggression and victimization. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 50(3), 455-457.
- Krahé, B., & Berger, A. (2013). Men and women as perpetrators and victims of sexual aggression in heterosexual and same-sex encounters: A study of first-year college students in Germany. *Aggressive Behavior*, 39(5), 391-404.
- Krahé, B., Scheinberger-Olwig, R., & Kolpin, S. (2000). Ambiguous communication of sexual intentions as a risk marker of sexual aggression. *Sex Roles*, 42(5-6), 313-337. doi:10.1023/A:1007080303569
- Krahé, B., Waizenhofer, E., & Moller, I. (2003). Women's sexual aggression against men: prevalence and predictors. *Sex Roles*, 49, 219-232.

- Larimer, M. E., Lydum, A. R., Anderson, B. K., & Turner, A. P. (1999). Male and female recipients of unwanted sexual contact in a college student sample: Prevalence rates, alcohol use, and depression symptoms. *Sex Roles, 40*, 295-308.
- Lottes, I. L. (1992). The relationship between nontraditional gender roles and sexual coercion. *Journal of Psychology and Human Sexuality, 4*(4), 89-109.
- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A-J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., & Pedroso-Lima, M. (2014). NEO-FFI: Psychometric Properties of a Short Personality Inventory in Portuguese Context. *Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica, 27*(4), 599-614. doi: 10.1590/1678-7153.201427405
- Malamuth, N. (1981). Rape proclivity among males. *Journal of Social Issues, 37*(4).
- Meyers, L. S., Gamst, G., & Guarino, A. J. (2006). *Applied multivariate research: Design and interpretation*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Miller, J. D., Lynam, D. R., & Jones, S. (2008). Externalizing behavior through the lens of the five-factor model: A focus on Agreeableness and Conscientiousness. *Journal of Personality Assessment, 90*, 158–164.
- Miller, J. D., Lynam, D. R., & Leukefeld, C. (2003). Examining antisocial behavior through the lens of the five factor model of personality. *Aggressive Behavior, 29*, 497–514.
- Motz, A. (2001). *The psychology of female violence: Crimes against the body* (2nd ed.) London and New York: Routledge. Retirado de <http://sociology.sunimc.net/htmledit/uploadfile/system/20110629/20110629183248425.pdf>
- Muehlenhard, C. L., & Cook, S. (1988). Men's self-reports of unwanted sexual activity. *Journal Of Sex Research, 24*, 58-72.
- Muehlenhard, C. L., & Hollabaugh, L. C. (1988). Do women sometimes say no when they mean yes? The prevalence and correlates of women's token resistance to sex. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*, 872-8.
- Narveson, J. (2014). *Aggression: Value Inquiry Book Series, 27*65-8.
- O'Sullivan, L. F., & Byers, E. S. (1993). Eroding stereotypes: College women's attempts to influence reluctant male sexual partners. *Journal of Sex Research, 30*(3), 270–282.

- O'Sullivan, L. F., Byers, E. S., & Finkelmann, L. (1998). A comparison of male and female college students' experiences of sexual coercion. *Psychology Of Women Quarterly*, 22(2), 177-195.
- Oswald, D. L., & Russell, B. L. (2006). Perceptions of Sexual Coercion in Heterosexual Dating Relationships: The Role of Aggressor Gender and Tactics. *Journal Of Sex Research*, 43(1), 87-95.
- Parker, J. D. A., Taylor, G. J., & Bagby, R. M. (2003). The Twenty-Item Toronto Alexithymia Scale-III. Reliability and factorial validity in a community population. *Journal of Psychosomatic Research*, 55, 269–275.
- Patton, J. H., Stanford, M. S., & Barratt, E. S. (1995). Factor structure of the Barratt Impulsiveness Scale. *Journal of Clinical Psychology*, 51, 768–774.
- Porter, J. F., & Critelli, J. W. (1992). Measurement of sexual aggression in college men: A methodological analysis. *Archives of Sexual Behavior*, 21, 525-542.
- Prazeres, N., Taylor, G. J., & Parker, J. D. A. (2004). The 20-item Toronto Alexithymia Scale (TAS-20). In L. S. Almeida, M. R. Simões, C. Machado, & M. M. Gonçalves (Eds.), *Psychological evaluation: Validated questionnaires to Portuguese population* (Vol. II, pp. 87–99). Quarteto, Portugal: Coimbra.
- Proulx, J., Pellerin, B., McKibben, A., Aubut, J., & Quimet, M. (1999). Recidivism in sexual aggressors: Static and dynamic predictors of recidivism in sexual aggressors. *Sexual Abuse*, 11, 117-129.
- Reid, R. C., Carpenter, B. N., Spackman, M., & Willes, D. L. (2008) Alexithymia, Emotional Instability, and Vulnerability to Stress Proneness in Patients Seeking Help for Hypersexual Behavior. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 34, 133–149.
- Robins, R. W., Fraley, R. C., Roberts, B. W., & Trzesniewski, K. H. (2001). A longitudinal study of personality change in young adulthood. *Journal of Personality*, 69, 617–640.
- Roedema, T. M., & Simons, R. F. (1999). Emotion-processing deficit in alexithymia, *Psychophysiology*, 36, 379–387.

- Russell, B. L., & Oswald, D. L. (2001). Strategies and dispositional correlates of sexual coercion perpetrated by women: An exploratory investigation. *Sex Roles*, 45(1-2), 103-115. doi:10.1023/A:1013016502745
- Sarrel, P. M., & Masters, W. H. (1982). Sexual molestation of men by women. *Archives of Sexual Behaviour*, 11(2), 117-131. Retirado de <http://pt.scribd.com/doc/132286060/Sexual-Molestation-of-Men-by-Women>
- Schatzel-Murphy, E. A., Harris, D. A., Knight, R. A., & Milburn, M. A. (2009). Sexual coercion in men and women: similar behaviors, different predictors. *Archives Of Sexual Behavior*, 38(6), 974-986. doi:10.1007/s10508-009-9481-y
- Sims, A. (1988). *Symptoms in the mind: An introduction to descriptive psychopathology*. London, UK: Bailliere Tindal.
- Sisco, M. M., & Figueredo, A. J. (2008). Similarities between men and women in non-traditional aggressive sexuality: Prevalence, novel approaches to assessment and treatment applications. *Journal Of Sexual Aggression*, 14(3), 253-266. doi:10.1080/13552600802401283
- Smith, C. V., Nezlek, J. B., Webster, G., & Paddock, E. L. (2007). Relationships between daily sexual interactions and domain specific and general models of personality traits. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(4), 497.
- Smith, R. E., Pine, C. J., & Hawley, M. E. (1988). Social cognitions about adult male victims of female sexual assault. *The Journal of Sex Research*, 24, 101-112.
- Sorenson, S. B., Stein, J. A., Siegel, J. M., Golding, J. M., & Burnam, M. A. (1987). The prevalence of adult sexual assault: The Los Angeles Epidemiologic Catchment Area Project. *American Journal of Epidemiology*, 126, 1154-1164.
- Stewart, S. H., Zvolensky, M. J., & Eifert, G. H. (2002). The relations of anxiety sensitivity, experiential avoidance, and alexithymic coping to young adults' motivations for drinking. *Behavior Modification*, 26(2), 274-296.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2). *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.
- Struckman-Johnson, C. (1988). Forced sex on dates: it happens to men, too. *Journal Of Sex Research*, 24(1-4), 234.

- Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1992). Acceptance of male rape myths among college men and women. *Sex Roles, 27*(3/4), 85-100.
- Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1994a). Men pressured and forced into sexual experiences. *Archives of Sexual Behavior, 23*, 93-114.
- Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1994b). Men's reactions to hypothetical female sexual advances: A beauty bias in response to sexual coercion. *Sex Roles, 31*, 387-405.
- Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1998). The dynamics and impact of sexual coercion of men by women. In P. B. Anderson & C. Struckman-Johnson (Eds.), *Sexually aggressive women: Current perspectives and controversies*, (pp. 121-169). New York: Guilford.
- Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (2001). Men's reactions to female sexual coercion. *Psychiatric Times, 17*(3).
- Struckman-Johnson, C., Struckman-Johnson, D., & Anderson, P. B. (2003). Tactics of sexual coercion: When men and women won't take no for an answer. *Journal of Sex Research, 40*(1), 76-86.
- Struckman-Johnson, D., & Struckman-Johnson, C. (1991). Men and women's acceptance of coercive sexual strategies varied by initiator gender and couple intimacy. *Sex Roles, 25*(11/12), 661-676.
- Tellegen, A. (1985). Structures of mood and personality and their relevance to assessing anxiety, with an emphasis on self-report. In A. H. Tuma & J. D. Maser (Eds.), *Anxiety and the anxiety disorders*, 681-706. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and Validation of Brief Measures of Positive and Negative Affect: The PANAS Scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*(6), 1063-1070.
- Woodman, T., Cazenave, N., & Le Scanff, C. (2008). Skydiving as emotion regulation: The rise and fall of anxiety is moderated by alexithymia. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 30*, 424-433.

- World Health Organization [WHO]. (2012). Understanding and addressing violence against women: Sexual Violence. Retirado de http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77434/1/WHO_RHR_12.37_eng.pdf
- Yost, M. R., & Zurbriggen, E. L. (2006). Gender differences in the enactment of sociosexuality: An examination of implicit social motives, sexual fantasies, coercive sexual attitudes, and aggressive sexual behavior. *Journal of Sex Research*, 43(2), 163–173.

Anexos

Anexo A - Página de Apresentação do Estudo *Online*

Centro de Investigação em Sexualidade Humana - SexLab

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Este é um estudo sobre fatores psicológicos e interação com o sexo oposto, que pretende compreender de que forma as mulheres procuram, do ponto de vista sexual, interagir com o sexo oposto, bem como os fatores de ordem psicológica que influenciam as diferentes formas de interação. Dirige-se a estudantes universitárias femininas do Ensino Superior português, de todos os ciclos de estudo, com idade mínima de 18 anos e orientação sexual heterossexual. Este estudo faz parte do projeto de investigação da aluna Bruna Daniela Pereira, no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), encontrando-se sob orientação da Prof^a. Dr^a. Joana Carvalho (ULHT; CPUP-Universidade do Porto). O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética da FPCEUP.

A participação neste estudo é voluntária, sendo que podem desistir em qualquer momento sem qualquer tipo de penalização. Para participar deverá preencher os questionários disponibilizados *on-line*. O tempo de preenchimento é de, aproximadamente, 30 minutos. Este estudo tem ainda um caráter intimista, pelo que podem preferir concluir a sua realização num local mais privado, tendo também em consideração o tempo necessário para responder às questões. As suas respostas são anónimas e os dados serão utilizados para fins de investigação científica.

Após conclusão do estudo poderá solicitar informação sobre os resultados do mesmo enviando um *e-mail* para mipsi11117@fpce.up.pt (aluna MESTRADO FPCE - Universidade do Porto). Os participantes interessados poderão solicitar ainda apoio especializado e gratuito.

Deverá prosseguir para a próxima página para responder ao consentimento informado.

Anexo B – Consentimento Informado

Declaro que li a informação citada anteriormente e que aceito participar voluntariamente neste estudo. Se em qualquer momento resolver desistir, poderei fazê-lo sem qualquer problema ou prejuízo para mim, e nenhuns dos meus dados ficarão registados. Não procurarei restringir o uso dos dados para os quais o estudo se dirige.

Declaro ainda que sou maior de idade e que li o formulário de consentimento.

Sim, confirmo a informação declarada anteriormente, concordo e aceito participar no presente estudo ☐